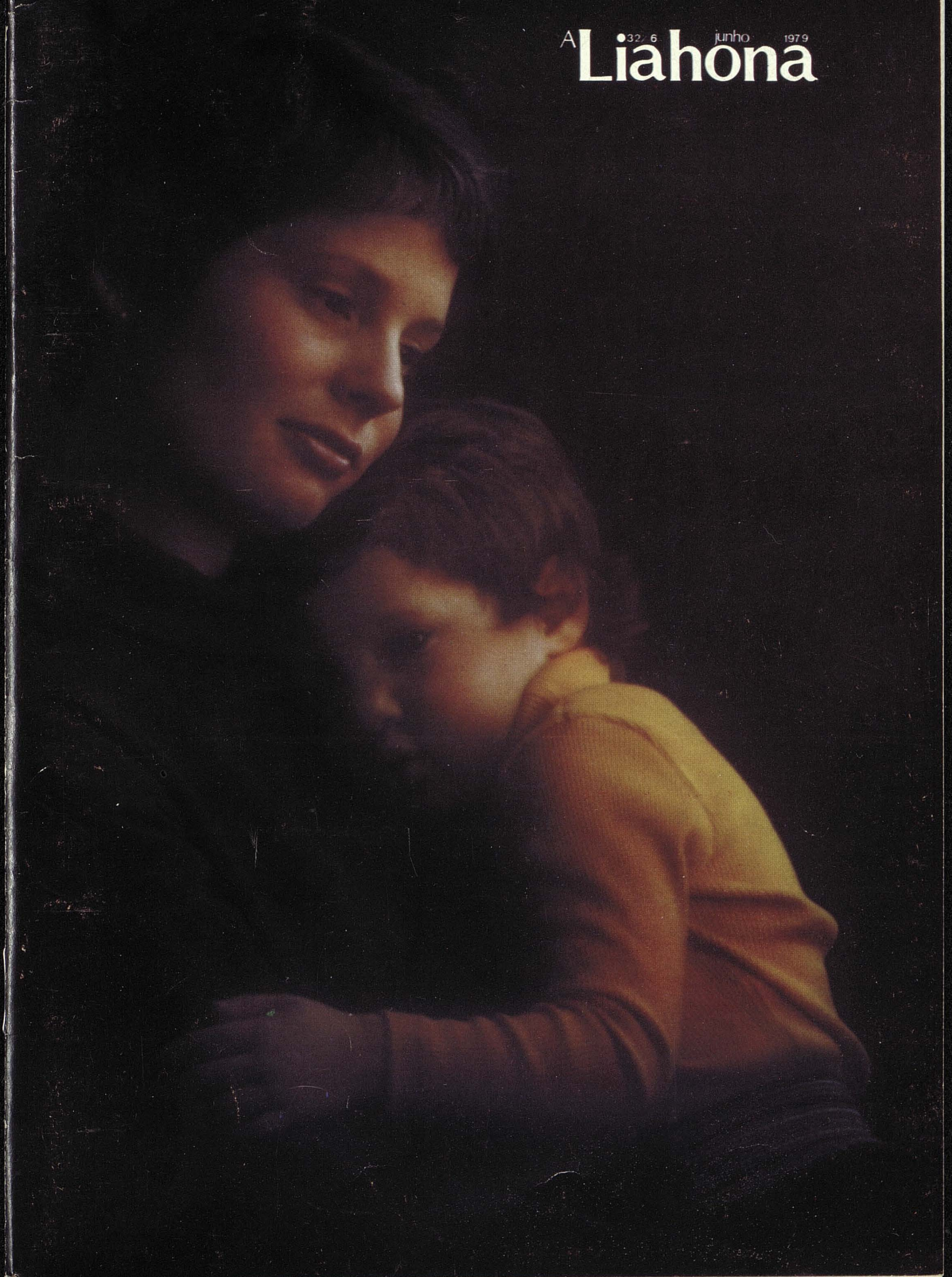
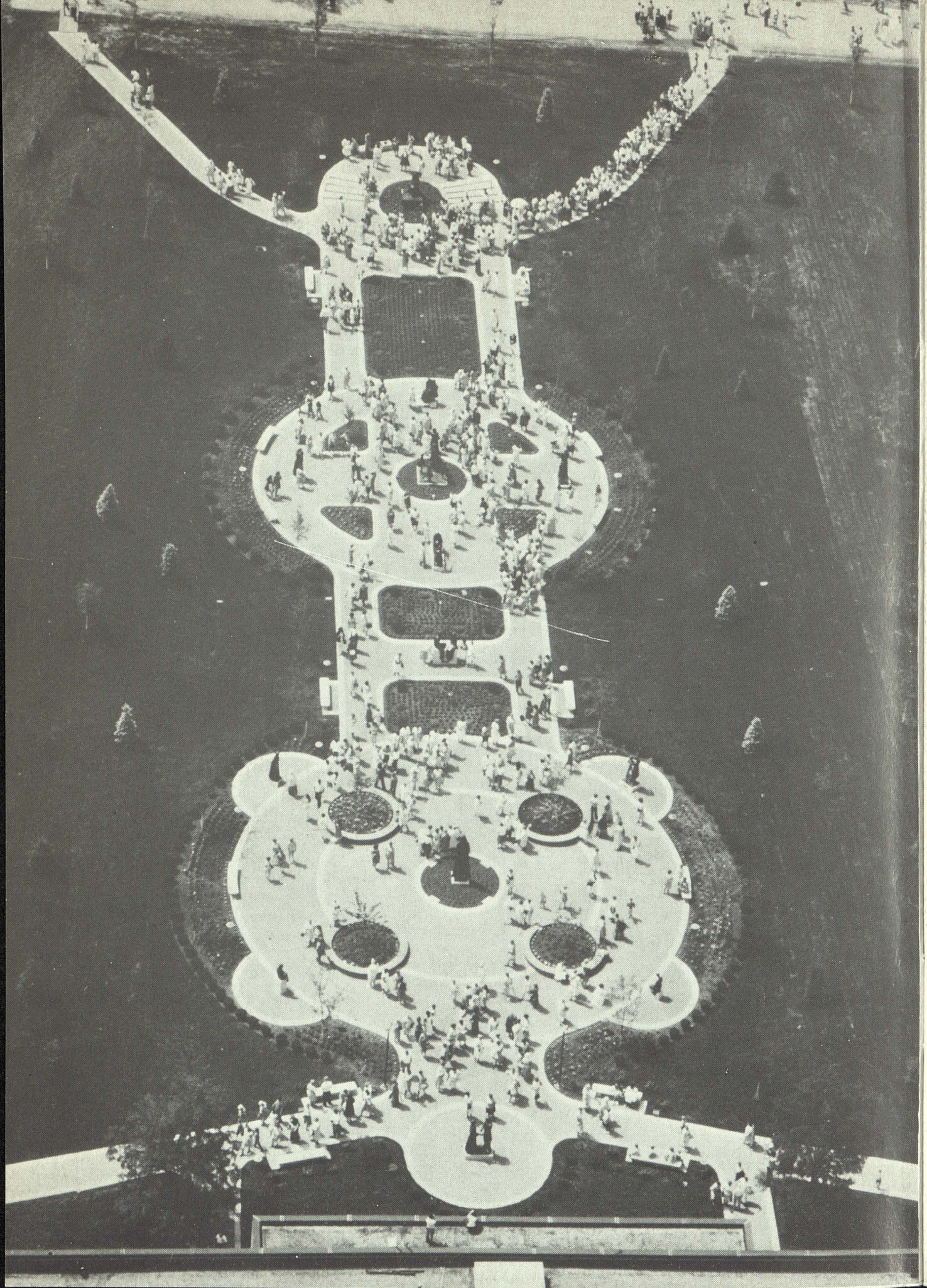


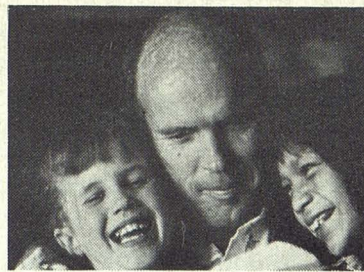
A^{32/6} Liahona junho 1979





J
I
V
O
Sup
REC
sob
SUB
tura.
simp
ende
A L
Tod
Sant
Imp
publ
hola
201,
à or
reda
inter
sujei

JUNI



A PRIMEIRA
PRESIDENCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO
DOS DOZE
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust

COMITE DE
SUPERVISÃO
M. Russell Ballard
Rex D. Pinegar
Hugh W. Pinnock
EDITOR
M. Russell Ballard
EXECUTIVO DO
INTERNATIONAL
MAGAZINE
Larry Hiller,
Editor Gerente;
Carol Larsen,
Editor Associado;
Roger Gylling,
Desenhista

EXECUTIVO DA
«A LIAHONA»
Danilo Talanskas,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;
Victor Hugo C. Pires,
Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

A^{32/6} Liahona junho 1979

HISTÓRIAS E DESTAQUES

- 2 Mensagem da Primeira Presidência:
A Vida Abundante, Spencer W. Kimball
- 6 **Nossas Irmãs Desde o Princípio**, Bruce R. McConkie
- 14 **As Mulheres e as Escrituras**, Marianne C. Sharp
- 18 **Como os Pais Nutrem Espiritualmente Seus Filhos**, Neil Flinders
- 22 **Presidir em Nosso Lar Significa...**, Joan Flinders
- 25 **Como Descobri Minha Mulher**, Thomas W. Ladanye
- 29 **Casamento Celestial, 2.ª parte**, Bruce R. McConkie
- 43 **Cronologia da História da Igreja e do Mundo**
- 48 **Religião, Rebelião e Rebecca**, E.D. Telford

SEÇÃO INFANTIL

- 1 **Como Brinquedos de Corda**, Sheri Davies
- 2 **A Parábola do Semeador**, Naomi W. Randall
- 4 **De Amigo para Amigo**, Marion D. Hanks
- 6 **Apetites Animais**, Charlene A. Shuler
- 8 **Só Para Divertir**

NOTÍCIAS LOCAIS

- I **Fortalece Teus Irmãos**
- III **Programa Missionário em Ação**
- V **O Terno Azul Escuro**
- VIII **Apoio ao Escotismo**

"Nossa capa: 'Mãe e Filho', fotografia de Eldon Linschoten."

"Capa interna: Vista aérea do Monumento à Mulher em Nauvoo, Illinois, uma praça de estatuária, junto ao centro de visitantes. Fotografia de Jed A. Clark, tirada na época da dedicação do monumento, de 28 a 30 de junho de 1978. As treze estátuas, em tamanho natural, esculpidas por Dennis Smith e Florence Hansen, retratam significativas dimensões da feminilidade das mulheres SUD.

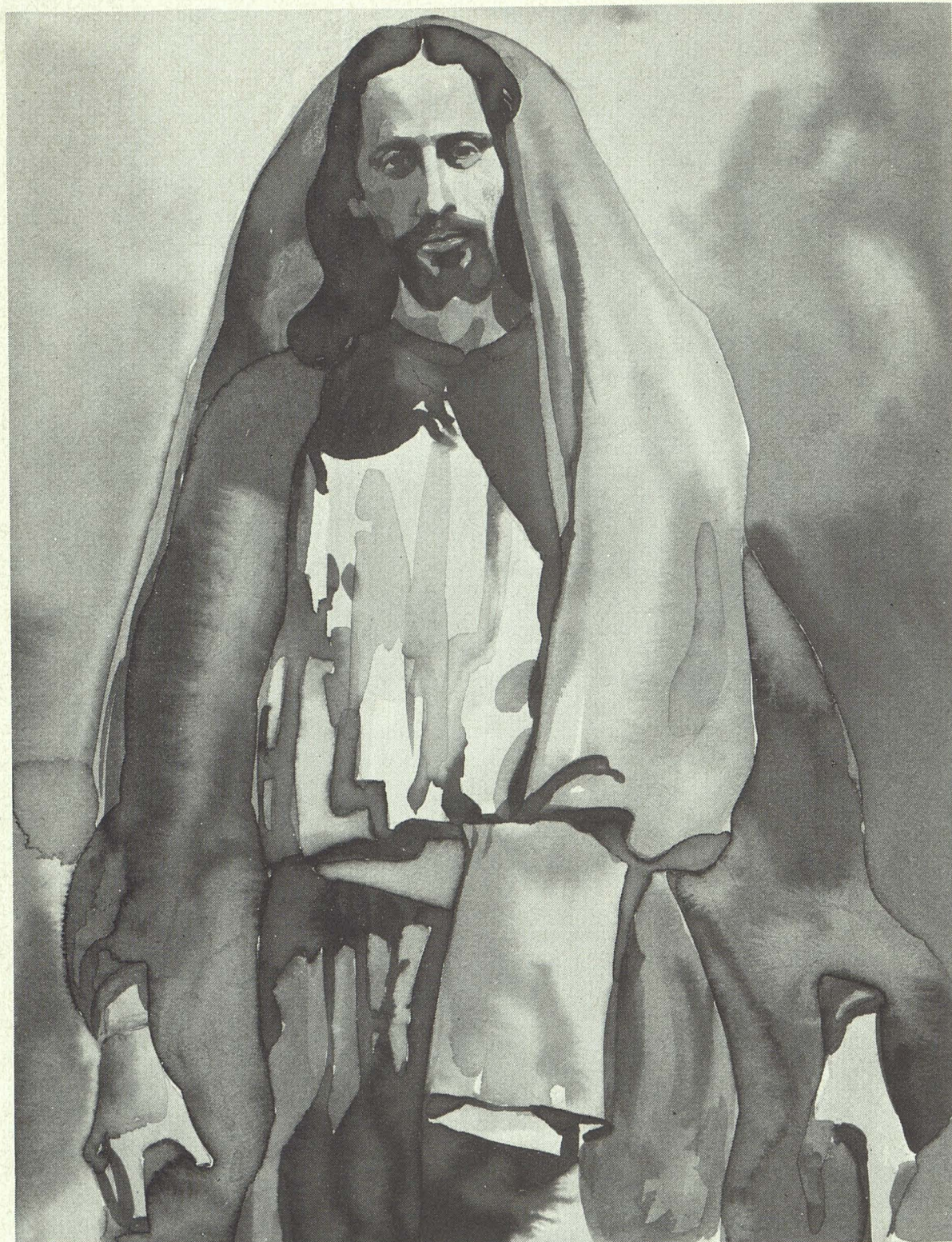
REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP*. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 40,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 4,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, R. Abolição, 201, tel. 35-2605. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribeubú, 331, tel. 276 8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, R. São Tomé, 73, Vila Olímpia, SP.

A VIDA ABUNDANTE

Presidente Spencer W. Kimball



Adaptado de um discurso proferido aos alunos da Faculdade Estadual Weber, de Ogden, Utah, no dia 4 de novembro de 1977.

Jesus de Nazaré observou em seus ensinamentos:

“... Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.” (João 10:10.)

É impossível falar de vida abundante, sem considerar a vida como algo contínuo. Esta estreita esfera a que chamamos mortalidade não nos concede, no curto espaço de tempo de que aqui dispomos, perfeita justiça, perfeita saúde e perfeitas oportunidades. A justiça perfeita, entretanto, advirá através de um plano divino, assim como a perfeição de todas as demais condições e bênçãos — àqueles realmente merecedores.

Cabe ressaltar as maneiras como os ensinamentos de Jesus de Nazaré podem ser vitais em nossa vida diária, neste tênue fragmento de tempo que chamamos de mortalidade.

Primeiramente, o serviço prestado a outrem aprofunda e traz doçura a esta vida, que é a nossa preparação para habitar um mundo melhor. É servindo que aprendemos a servir. Quando nos dedicamos ao serviço de nosso semelhante, além de lhe prestarmos ajuda com nossos atos, colocamos nossos próprios problemas em perspectiva mais adequada. Preocupando-nos mais com os outros, há menos tempo disponível para que nos preocupemos com o próprio eu! Em meio ao milagre do servir, há a promessa de Jesus de que, perdendo-nos, nos acharemos!

Não só nos “achamos”, quando reconhecemos a orientação divina em nossa vida como, quanto mais servimos a nosso próximo de modo apropriado, tanto mais substância acrescentamos a nossa alma. Assim se tornará muito mais fácil nos “acharmos”, porque existe muito mais de nós para ser achado.

George McDonald disse que “é amando, e não sendo amado, que alguém se aproxima o máximo da alma de outra

pessoa”. É claro que todos nós precisamos ser amados, mas precisamos dar e não apenas receber, se quisermos ter integridade em nossa vida e um reforçado senso de propósito.

Em segundo lugar, os ensinamentos de Jesus ajudam-nos a encarar corretamente a vida e as circunstâncias que nos circundam. Às vezes, a solução não é modificar nosso meio, nosso ambiente, mas sim nossa atitude diante dessas circunstâncias e seus obstáculos, para que vejamos, mais claramente, nossas oportunidades de mais abundante serviço.

Deus nos observa e vigia. Mas é quase sempre por intermédio de outra pessoa que ele atende as nossas necessidades. Portanto, é vital que sirvamos uns aos outros. A vida abundante é também obtida ao ampliarmos nossa visão da vida, expandirmos nossa maneira de encarar os outros e nossas próprias possibilidades. Assim, quanto mais seguirmos os ensinamentos do Mestre, maior será nossa perspectiva. Sem essa magnitude, haverá bem menos possibilidades de servir. Há grande segurança na espiritualidade, e não podemos tê-la sem servir!

A vida abundante, logicamente, pouco tem a ver com a aquisição de coisas materiais, muito embora haja pessoas maravilhosas que são materialmente abençoadas, e empregam sua riqueza em prol do seu semelhante. A vida abundante mencionada nas escrituras é o produto espiritual da multiplicação de nosso serviço ao próximo pelo investimento de nossos talentos a serviço de Deus e do homem.

Se nosso modo de vida não nos conduzir para mais perto do Pai Celestial e de nosso semelhante, haverá um enorme vazio em nossa vida. Assusta-me ver, por exemplo, como a busca cega do prazer ou materialismo faz com que tantos se afastem de sua família, amigos e companheiros. O que difere a verdadeira alegria do mero prazer, é que certos prazeres só são conseguidos à custa do sofrimento alheio. A alegria, por outro lado, emana do altruísmo e do serviço, beneficiando ao invés de ferir.

Alguns poderiam imaginar por que nos preocupamos com detalhes tão simples como serviço ao próximo num mundo repleto de problemas tão dramáticos. Na verdade, uma das vantagens do Evangelho de Jesus Cristo é dar-nos uma perspectiva do povo deste planeta, incluindo nós mesmos, para podermos ver as coisas que realmente são importantes.

Se quisermos de fato reformar a humanidade, é preciso que primeiro reformemos a nós mesmos. Um sábio observou que é tão comum as pessoas meterem-se na vida alheia, em vez de melhorarem a si mesmas — que tudo continua na mesma. A vida abundante nasce no interior para depois exteriorizar-se em direção aos outros. Se houver riqueza e retidão em nós, poderemos talvez modificar a vida de outros, assim como outras pessoas importantes influenciaram nossa própria vi-

**“Deus nos observa e vigia.
Mas é quase sempre por
intermédio de outra pessoa
que satisfaz nossas necessidades.”
Presidente Kimball.**

da para o bem, tornando-nos mais ricos do que teríamos sido sem elas.

Escolham apenas dois ou três indivíduos que tiveram grande influência em sua vida e perguntem-se o que eles fizeram, especificamente, de tão útil nas horas críticas e importantes por que você passou. Vocês acabarão concluindo que tais pessoas se preocuparam com vocês, tiveram tempo para vocês, ensinaram-lhes algo que precisavam saber.

O mesmo Jesus que pregou a vida mais abundante deu-nos algumas regras básicas para a sua obtenção. Muitas são as causas do sofrimento do homem — guerra, doença e pobreza — mas o motivo capital do sofrimento humano, sofrimento que provoca a mais profunda dor, é o pecado — a violação dos mandamentos dados por Deus. Não pode haver, por exemplo, uma

vida plena e rica sem que pratiquemos a castidade total antes do casamento, e plena fidelidade depois. Não pode haver senso de inteireza e integridade, se mentirmos, furtarmos ou enganarmos. Não pode haver doçura em nossa vida, se estivermos cheios de inveja e cobiça. Nossa vida não poderá ser, de fato, abundante, se não honrarmos nossos pais. Se qualquer de nós desejar indicações mais precisas para obter essa vida mais abundante, basta consultar a consciência.

O fato de muitos de nós estarmos tão aquém da perfeição não significa que não podemos ser perfeitos, mas sim, que não tentamos ser. Cristo tornou-se perfeito. Ele venceu. Sofreu fome, sede, frio, calor, dor, tristeza e tudo o mais que a vida tem a oferecer em matéria de provações. A cada vitória, ficou mais próximo da perfeição.

Toda alma normal tem seu livre arbítrio e o poder de remar contra a corrente, e de elevar-se a novas alturas de atividade, pensamento e progresso. O homem pode e precisa transformar-se.

Abraão o fez. Saiu de uma família idólatra e tornou-se o chefe de uma dispensação de adoradores do Deus vivo e verdadeiro. Moisés nasceu na pobreza e escravidão, foi criado com luxo e honras palacianas, e teve grandes oportunidades. Elevou-se a alturas que poucos homens podem atingir, caminhou e conversou com Deus.

Autodomínio é, portanto, a chave; e toda pessoa deveria estudar sua própria vida, seus próprios desejos, necessidades e anseios, trazendo-os sob controle.

O homem pode e deve transformar-se. O homem tem, dentro de si, as sementes de divindade capazes de germinar e crescer. E assim como uma pequena semente pode tornar-se uma grande árvore, também o homem pode tornar-se um deus. Ele tem poder para elevar-se ao plano onde lhe cabe estar.

O ambiente não precisa ser nosso limite. As circunstâncias não nos devem governar, nem as paredes precisam ser nossa prisão.

Na busca da perfeição, a criatura pode voltar-se para muitas áreas, como ponto de partida. Pode tornar-se o marido perfeito, a esposa perfeita, o pai perfeito, a mãe perfeita, o líder perfeito, o seguidor perfeito. O caminho da perfeição parece ser uma modificação na vida — trocando o mal pelo bem em todos os casos. As mudanças se farão melhor, se as fizermos uma de cada vez.

Quanto mais conceitos eternos dirigirem nossa conduta, tanto melhor nos sairemos na mortalidade. Quanto melhor compreendermos os ensinamentos de Jesus, no que dizem respeito ao propósito da vida, maior será nosso senso de participação e de identidade. Quanto mais aceitarmos a paternidade de Deus, tanto melhor nossa

condição de promovermos a irmandade do homem. Quanto melhor compreendermos o que realmente aconteceu na vida de Jesus de Nazaré no Getsêmani e no Calvário, tanto maior nossa possibilidade de entender a importância do sacrifício e dedicação em nossa vida.

Finalmente, a vida abundante não consiste em simplesmente viver mais, durante um período maior. É mais uma questão de estatura e realizações do que de duração. Graças a Jesus de Nazaré e seu sacrifício expiatório, todos receberemos o dom da imortalidade — a existência pessoal infinita — mas somente seguindo os seus ensinamentos, seremos capazes de viver abundantemente neste mundo, e ainda mais no mundo vindouro.

Um Templo em Chamas!

Susan A. Madsen

“Fogo! Fogo!” Os apelos quebraram a quietude da tarde em Nauvoo. Não era um celeiro ou armazém que estava em chamas naquele 9 de fevereiro de 1846.

A menina Aurelia Spencer, de onze anos, estava por perto e viu os homens no alto do templo, agitando chapéus e pedindo ajuda. Muitos membros da Igreja preparavam-se para partir para Utah; mas, largaram o que estavam fazendo para ajudarem a salvar o templo.

Willard Richards estava no terreno do templo quando o fogo começou, e assumiu o controle das operações. Gritou às pessoas, inclusive mulheres e crianças, que enchessem baldes de água nos poços mais próximos. Duas fileiras de homens formaram-se nas escadarias que davam para o teto do sótão do templo, onde começara o incêndio. Os baldes eram passados de mão em mão por uma fileira, e devolvidos vazios pela outra. Aurélia correu de lá para cá, levando baldes de água. Mas os poços logo se esvaziaram, e parelhas de cavalos foram puxar água do rio,

Houve momentos de confusão, quando soou outro alarme chamando os santos para o salvamento das vítimas de um acidente com dois barcos, no rio. A despeito dessa interrupção, o incêndio no templo foi extinto após meia hora de trabalho.

Hosea Stout, um dos que combateram o fogo, disse que o incêndio abriu um rombo de 3,5 m² no telhado. Descobriu-se que o incêndio fora causado por um cano da tubulação do fogão, que se incandescera e provocara o fogo em roupas que secavam no sótão.

Após o incêndio, Aurélia uniu-se aos santos, que se regozijavam em altos brados de hosana. Brigham Young, presidente do Conselho dos Doze, chegou no momento em que a multidão começava a celebrar.

Aurélia sentiu-se privilegiada em ajudar a extinguir o fogo. Mais tarde escreveu: “Criança como era, não podia compreender a ordem que prevaleceu e a calma dos homens que dirigiram os trabalhos.” Aurélia tornou-se presidente da primeira Primária organizada na Igreja.

Élder Bruce R. McConkie
do Conselho dos Doze

NOSSAS IRMÃS DESDE O PRINCÍPIO

(Discurso pronunciado durante a dedicação do Monumento à Mulher, em Nauvoo, no dia 29 de junho de 1978.)

"Momento Alegre. 'Eis que os filhos são herança do Senhor...' Salmos 127:3. 'Qualquer que compartilhe os momentos alegres da vida com crianças... torna possível que seus anos de formação sejam repletos de recordações de amor.'
Irmã Bárbara B. Smith.



Presidente Kimball e sua — nossa — amada Camilla, Irmã Barbara Smith, Irmã Belle Spafford, e todas vós — mães em Israel, filhas em Sião:

Dirijo-me a vós sentindo-me humilde, honrado com a oportunidade de vos falar, subjugado em espírito, desejoso de poder pronunciar-me e obter orientação do Santo Espírito, a fim de que minhas palavras sejam as que o Senhor deseja nesta ocasião. Tomarei como tema “Nossas Irmãs desde o Princípio”, e escolhi Alma como texto:

“E ele (quer dizer, o Senhor Jeová) comunica sua palavra aos homens por intermédio dos anjos; sim, não só aos homens mas também às mulheres. E isso não é tudo; muitas vezes se comunicam palavras às crianças, que confundem o sábio e o instruído.” (Alma 32:23.)

Nas coisas espirituais, relativas a todos os dons do Espírito, como o recebimento de revelação, obtenção de testemunhos e visões, em tudo quanto envolva a santidade, fruto da retidão pessoal — homens e mulheres estão em posição de absoluta igualdade diante do Senhor. Ele não faz acepção de pessoas ou de sexos, e abençoa a todos que o buscam, o servem e guardam seus mandamentos.

O Senhor é bom e misericordioso para com todos os que o temem, e deleita-se em distinguir aqueles que o servem em retidão até o fim — tanto homens como mulheres. É a estes que promete revelar todos os mistérios ocultos do reino; são eles cuja compreensão alcançará os céus, e a quem ele revelará coisas que o olho não viu, nem o ouvido escutou, e que não entraram no coração dos homens. (V. D&C 76:5-10.) Falo de homens e mu-

lheres. Na verdade, não hesito em afirmar que, desde o princípio, as mulheres adquiriram grandes dotes espirituais.

Ora, em sua infinita bondade e sabedoria, o Senhor tem as mulheres em grande estima desde os primórdios; tem-nas honrado e dignificado no seu reino terreno e em seu relacionamento com a humanidade neste planeta, de uma forma tal, que muitos de nós jamais supusemos, sequer. O que farei agora, se adequadamente guiado pelo Espírito, é convidar-vos a visualizar comigo algumas cenas envolvendo nossas irmãs do passado e do futuro, na seqüência em que foram apresentadas nas revelações e em nossa história.

Cena 1: Maria, a virgem abençoada

Encontramos Maria, pela primeira vez, em Nazaré da Galiléia, talvez aos dezesseis anos de idade, sendo visitada por Gabriel, o anjo ministrador, superado apenas por Miguel na hierarquia celestial. Gabriel anuncia-lhe: “. . . Darás à luz um filho, e por-lhe-ás o nome de Jesus. Ele será chamado Filho do Altíssimo. Reinará no trono de seu pai, Davi, para sempre. O poder do Espírito Santo descerá sobre ti. Serás a mãe do Filho de Deus. (V. Lucas 1:30-35.)

Creio que Maria é uma das maiores mulheres que já viveram na terra, a filha espiritual de Deus, nosso Pai. Foi escolhida para prover um corpo ao seu filho, que deveria nascer segundo a carne.

Vemos Maria viajando de Nazaré na Galiléia, para Belém, na Judéia, a fim de estar onde deveria nascer o Filho de Deus. Vemo-la volumosa devido à gravidez, e após uma longa jornada, chegando tarde ao caravançarà à beira do caminho, que consiste de um pátio central onde ficam

os animais, rodeado de quartos ocupados pelos viajantes. As acomodações dessa estalagem oriental estão todas tomadas. Vemo-la, com José, alojar-se onde os animais foram amarrados; e naquela noite, Deus envia seu filho ao mundo, enquanto são ouvidos coros angelicais e vozes de anjos.

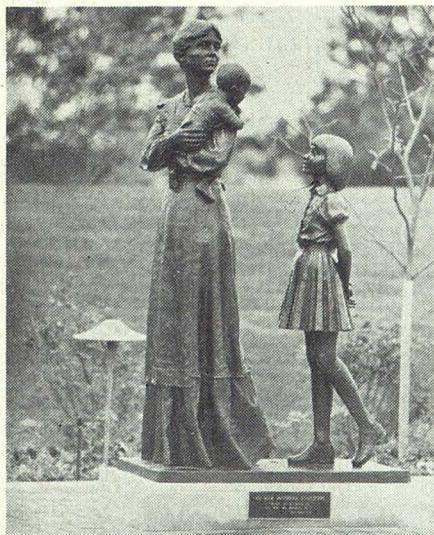
Vemos Maria passar por um longo período de dificuldades e provações; ela viaja com José para o Egito e, sem dúvida, fica em companhia de parentes ou amigos judeus nessa terra. De volta a Na-

amado: "Eis aí tua mãe", e a ela: "Eis aí teu filho". (João 19:26, 27.) E João, daquele momento em diante, levou-a para sua própria casa.

Julgo ver em Maria um padrão de piedade e submissão à vontade do Senhor, um exemplo perfeito para todas as mulheres.

Cena 2: Eva, a mãe de todos os viventes

Considero Eva, também, como uma das maiores mulheres entre todas as que já



"Nos passos da mãe. Instrui ao menino no caminho em que deve andar...' Provérbios 22:6. 'Compreendeu então o quanto sigo seu exemplo, o quanto queria ser igual a ela em todas as coisas?'"

"A mulher solidária. 'Abre a sua mão ao aflito...' Provérbios 1:20.

'Algumas de nossas maiores experiências de aprendizagem acontecerão quando dermos de nós compassivamente'. Irmã Bárbara B. Smith."

zaré, vemo-la como mãe, a influenciar os primeiros anos de crescimento do Filho de Deus, ensinando-o a engatinhar, caminhar, falar e aprender o "Shema" e demais requisitos religiosos judaicos então em vigor. Vemo-la em Caná da Galiléia, auxiliando numa festa de casamento, convidando seu filho a fazer algo que iniciou seu ministério público de milagres.

Vemo-la, finalmente, diante da cruz, enquanto seu filho diz a João, o discípulo

vieram ou virão a esta terra. Ela, a mãe de todos os viventes, estabeleceu o padrão para todas as mães do futuro, quanto à criação dos filhos em luz e verdade. Recebeu todas as bênçãos do evangelho, gozou dos dons do Espírito e procurou preparar sua posteridade para que recebesse as mesmas bênçãos. Chamarei apenas a vossa atenção para as ocasiões em que "... Adão e Eva, sua mulher, invocaram o nome do Senhor, e eles — os

dois — ouviram a sua voz...” (Moisés 5:4); quando Adão, pela primeira vez, ofereceu sacrifícios; quando apareceu o ministrador angelical; e quando Adão, o primeiro homem, se ergueu e profetizou todas as coisas que recairiam sobre sua posteridade. Diz a escritura: “E Eva, sua esposa, ouviu todas essas coisas e se alegrou, dizendo” (e em suas palavras temos, numa única sentença, um sumário perfeito de todo o plano de salvação, um dos maiores sermões de poucas palavras

observai, não só o homem, mas o homem e a mulher — “e fizeram” — ambos fizeram — “saber todas as coisas a seus filhos e suas filhas... E Adão e Eva, sua esposa, não cessaram de clamar a Deus.” (Moisés 5:12, 16.)

Assim, estabeleceu-se o padrão perfeito para o aperfeiçoamento da família. Homem e mulher unem-se na adoração; juntos, educam os filhos; juntos, estabelecem a unidade familiar que irá subsistir nas eternidades do porvir, dando vida eterna a todos os que a merecerem.

Daqui em diante escolho um pouco arbitrariamente algumas cenas que me agradam, cenas que ressaltam o papel que as mulheres desempenham no esquema eterno das coisas.

Cena 3: Rebeca, a bem-amada de Isaque

Rebeca é um dos maiores exemplos do que a mulher pode fazer para influenciar uma família em retidão. Eis aqui, entre outras coisas, o que aconteceu em sua vida:

“E Isaque orou instantemente ao Senhor por sua mulher porquanto era estéril; e o Senhor ouviu suas orações, e Rebeca, sua mulher, concebeu.” (Gên. 25:21.)

O casal tinha um sério problema: desejavam posteridade; a fé conjunta de ambos é envolvida.

“E os filhos lutavam dentro dela; então disse: “Se assim é, por que *sou* eu *assim*? E foi-se a perguntar ao Senhor.” (Gên. 25:22.)

Notai bem isto. Ela não disse: “Isaque, vai e inquire o Senhor. Tu és o patriarca; és a cabeça da casa”, o que, logicamente, ele era. Ela foi inquirir o Senhor e obteve a resposta:

“No círculo familiar. ‘E eles também ensinam as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor.’ D&C 68:28. ‘Os filhos espirituais de Deus chegam à unidade familiar revestidos de mortalidade pelos pais terrenos, com todo o direito a um lugar de amor para crescer até à maturidade. Não há, talvez, maior laboratório no mundo para a expressão do amor de Cristo do que dentro da família.’ Irmã Bárbara B. Smith.”

já proferidos): “Se não fosse pela nossa transgressão, jamais teríamos tido semente, jamais teríamos conhecido o bem e o mal, nem a alegria de nossa redenção, nem a vida eterna que Deus concede a todos os obedientes.” (Moisés 5:11.)

O registro declara então que “... Adão e Eva abençoaram o nome de Deus” —

“E o Senhor lhe disse: Duas nações *há* no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas, e *um* povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá ao menor.” (Gên. 25:23.)

Ou seja: “A ti, Rebeca, eu, o Senhor, revelo o destino de futuras nações que estão ainda em teu ventre.”

Agora, mais um episódio da vida de Rebeca. Quando “... sendo Esaú da idade de quarenta anos, tomou por mulher a Judite, filha de Beerí, heteu, e a Basmate, filha de Elom, heteu.

“E *estas* foram para Isaque e Rebeca uma amargura de espírito.” (Gên. 26:34-35.)

Isto quer dizer que Esaú se casou fora da Igreja; não se casou dentro do convênio sempiterno revelado a Abraão; escolheu viver segundo a maneira do mundo, em vez de guardar os padrões da retidão que o Senhor lhes dera. À luz de tudo isso, diz o relato:

“E disse Rebeca a Isaque: Enfadada estou da minha vida, por causa das filhas de Hete; *se* Jacó tomar mulher das filhas de Hete, como estas *são* das filhas desta terra, para que me *será* a vida?” (Gên. 27:46.)

Com efeito, ela está dizendo: “Se Jacó se casar fora da Igreja, como fez Esaú, qual o bem que me sobra na vida?” E tendo sido motivado e impelido a tomar uma atitude e assumir sua responsabilidade, eis o que fez Isaque:

“E Isaque chamou a Jacó, e abençoou-o, e ordenou-lhe, e disse-lhe: Não tomes mulher de entre as filhas de Canaã; (ou seja: “Não te cases fora da Igreja.”)

“Levanta-te, vai a Padã-Arã, à casa de Betuel, pai de tua mãe, e toma de lá uma

mulher das filhas de Labão, irmão de tua mãe.”

Então Isaque na verdade lhe dá uma bênção patriarcal que lhe promete as bênçãos de Abraão, seu pai:

“E Deus Todo-poderoso te abençoe, e te faça frutificar, e te multiplique, para que sejas uma multidão de povos;

“E te dê a bênção de Abraão, a ti e à tua semente contigo, para que em herança possuas a terra de tuas peregrinações, que Deus deu a Abraão.” (Gên. 28:1-4.)

Rebeca é, verdadeiramente, uma das mais nobres e gloriosas entre as mulheres!

Cena 4: A viúva de Sarepta

Vemos a viúva de Sarepta sofrendo falta de comida nos dias de Elias, o profeta. Ele cerrara os céus e havia três anos e meio não chovia nem caía orvalho. Diz o Senhor a Elias: “Levanta-te, e vai a Sarepta, que é de Sidom, e habita ali; eis que eu ordenei ali a uma mulher viúva que te sustente.” Ao chegar em Sarepta, encontra a viúva apanhando lenha, chama-a e lhe diz:

“... Traze-me, peço-te, num vaso um pouco d'água que beba.” Ela atende a seu pedido e é chamada novamente: “Traze-me agora também um bocado de pão na tua mão.”

A isto responde-lhe ela:

“... Vive o Senhor teu Deus, que nem um bolo tenho, senão somente um punhado de farinha numa panela, e um pouco de azeite numa botija; e vês aqui, apanhei dois cavacos, e vou prepará-lo para mim e para o meu filho, para que o comamos, e morramos.”

Muito embora a mulher julgasse que estava prestes a morrer, Elias lhe diz:

“... Não temas; vai, faze conforme a tua palavra; porém faze disso primeiro para mim um bolo pequeno. e traze-mo para fora; depois farás para ti e para teu filho.

“Porque assim diz o Senhor Deus de Israel: A farinha da panela não se acabará, e o azeite da botija não faltará, até ao dia em que o Senhor dê chuva sobre a terra.”

Sua fé é testada; ela passa na prova, e a escritura declara:

“E foi ela, e fez conforme a palavra de Elias; e assim comeu ela, e ele, e a sua casa *muitos* dias.

“Da panela a farinha se não acabou, e da botija o azeite não faltou: conforme a palavra do Senhor, que falara pelo ministério de Elias.” (1 Reis 17.)

Que modelo de fé e devoção a Jeová pode ser visto na vida desta viúva, cujo nome nem sequer sabemos! Quando Jesus foi rejeitado pelos seus em Nazaré, contrastou a descrença de seus concidadãos com a fé manifestada por esta desconhecida viúva da antiga Israel. “Em verdade vos digo”, disse ele, “que muitas viúvas existiam em Israel nos dias de Elias, quando o céu se cerrou por três anos e seis meses, de sorte que em toda a terra houve grande fome. E a nenhuma delas foi enviado Elias, senão a Sarepta de Sidom, a uma mulher viúva.” (Lucas 4:25-26.)

Cena 5: Duas irmãs em Betânia

Falemos agora das amadas irmãs, Marta e Maria, filhas, como supomos, de Simão, o Leproso, que deram a grande festa a Jesus, na qual Maria ungiu a cabeça e os pés do Senhor com custosas essências. Marta e Maria, em cujo lar Je-

sus freqüentemente se hospedava. Numa dessas ocasiões, enquanto Marta servia, Maria sentou-se aos pés de Jesus. Disse Marta: “... Senhor, não se te dá de que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe pois que me ajude”, ao que Jesus respondeu, com ternura: “... Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas *coisas*. Mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.” (Lucas 10:40-42.)

As queridas irmãs, Marta e Maria, cujo irmão Lázaro foi levantado dentre os mortos; Marta e Maria, que disseram no túmulo de Lázaro: “Senhor, se tu estiveses aqui. meu irmão não teria morrido”; ao que Marta acrescentou: “Mas também agora sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá.” E foi também Marta quem testificou, com fervor tão grande quanto o de Pedro nas costas de Cesaréia de Filipe; foi ela quem disse ao Senhor Jesus: “... creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo.” (João 11.)

O que mais precisamos dizer dessas bem-amadas, cujas prendas domésticas eram grandes, e cuja fé era ainda maior?

Cena 6: Diante de um túmulo aberto

Os autores do evangelho relatam-nos que Maria Madalena e outras mulheres acompanharam Jesus e os Doze em suas jornadas missionárias pela Galiléia, onde encontramos esse grupo heterogêneo escutando dos lábios de Jesus estas palavras: “... O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens; e matá-lo-ão, e ao terceiro dia ressuscitará...” (Mateus 17:22-23.)

Vemos essas mesmas mulheres junto à tumba, procurando ungir o corpo de Je-

sus com especiarias. Vemos Jesus aparecendo a Maria Madalena, tornando-a o primeiro mortal a ver uma pessoa ressuscitada. Encontramos um grupo de irmãs fiéis junto ao sepulcro, a quem afirmam os visitantes angélicos: “Não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos como vos falou, estando ainda na Galiléia, dizendo: Convém que o Filho do Homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, e seja crucificado, e ao terceiro dia ressuscite.” (Lucas 24:6-7.)

A seguir, Lucas registra: “E lembraram-se das suas palavras.

“E, voltando do sepulcro, anunciaram todas estas coisas aos onze e a todos os demais.

“E eram Maria Madalena, e Joana, e Maria, mãe de Tiago, e as outras que com elas estavam, as que diziam estas coisas aos apóstolos.” (Lucas 24:8-10.)

Cena 7: Irmãs na Israel moderna

Assim como nos dias de outrora, e igualmente hoje — as irmãs no reino são grandes pilares de força espiritual, de serviço compassivo, de devoção à verdade, de retidão pessoal. Assim como suas irmãs de outras eras, também proveram corpos para os filhos espirituais do Pai; e assim como as fiéis irmãs do passado, elas criam seus filhos em luz e verdade, ensinando-os a terem fé no Senhor e a guardarem seus mandamentos. Seu serviço não se restringe apenas ao lar. Sua influência espalha-se pela Igreja, no governo e em organizações beneméritas de toda parte.

Em uma revelação dada ao Profeta Joseph Smith, para sua esposa, Emma, encontramos um exemplo do que nossas esposas podem fazer para promover os

propósitos do Senhor na terra. “O teu chamado”, diz-lhe o Senhor, “é ser um conforto ao ... teu marido, em suas aflições, com palavras consoladoras, e em espírito de mansidão...

“E serás ordenada por suas mãos para expor as escrituras e exortar a igreja, conforme fores inspirada pelo meu Espírito.

“Pois ele imporá suas mãos sobre ti e receberás o Espírito Santo, e o teu tempo dedicarás à escrita e a à aquisição de conhecimento...

... Deixa que a tua alma se deleite em teu marido e na glória que sobre ele virá.” (D&C 25:7-8, 14.)



“Corte eterna. ‘...Nem o varão é sem a mulher...’ 1 Cor. 11:11.

‘A exaltação, e, finalmente, a divindade, não são possíveis, a menos que um homem e uma mulher se unam e cheguem como um na presença do Senhor... porque a grande obra criativa da exaltação requer ambos, o homem e a mulher... Um bom casamento exige que cada um dê ao outro o melhor que existe e que poderá vir a existir em ambos.’ Irmã Bárbara B. Smith.”

O lugar da mulher casada é no lar, onde cuida do marido e o apóia; o lugar da mulher é na Igreja, onde ela expõe as escrituras, escreve sábios documentos e adquire muito conhecimento; o lugar da

mulher é prestando serviço de solidariedade ao seu semelhante, dentro e fora da Igreja; o lugar da mulher é pregando o evangelho e realizando a obra missionária; seu chamado é fazer o bem e gerar retidão em todos os lugares, sob todas as circunstâncias.

É assim que vemos hoje as mães em Israel e as filhas de Sião. Vemo-las chorando em Haun's Mill; vemo-las em pé, ao lado de casas incendiadas em Missouri; vemo-las curvadas diante dos túmulos abertos em Winter Quarters. Nossas irmãs são semelhantes àquelas do passado. Elas lutam contra infelizes proposituras legislativas que possam ter influência desagregadora sobre a família. Exercem influência nas casas legislativas e reúnem as forças do bem em torno das urnas eleitorais. Rogam ao Senhor pela preservação de suas famílias e para que sua mão se estenda e guie os destinos das nações.

Os irmãos não estão sozinhos na edificação do reino do Senhor nos últimos dias. E quando nossas fiéis irmãs partem desta vida, continuarão a labutar junto aos oprimidos e espiritualmente deprimidos, até que o trabalho do grande Jeová atinja sua gloriosa consumação.

Cena 8: Nossas irmãs celestiais

Então, por fim, vemos uma cena das mães em Israel e filhas de Sião no repou-

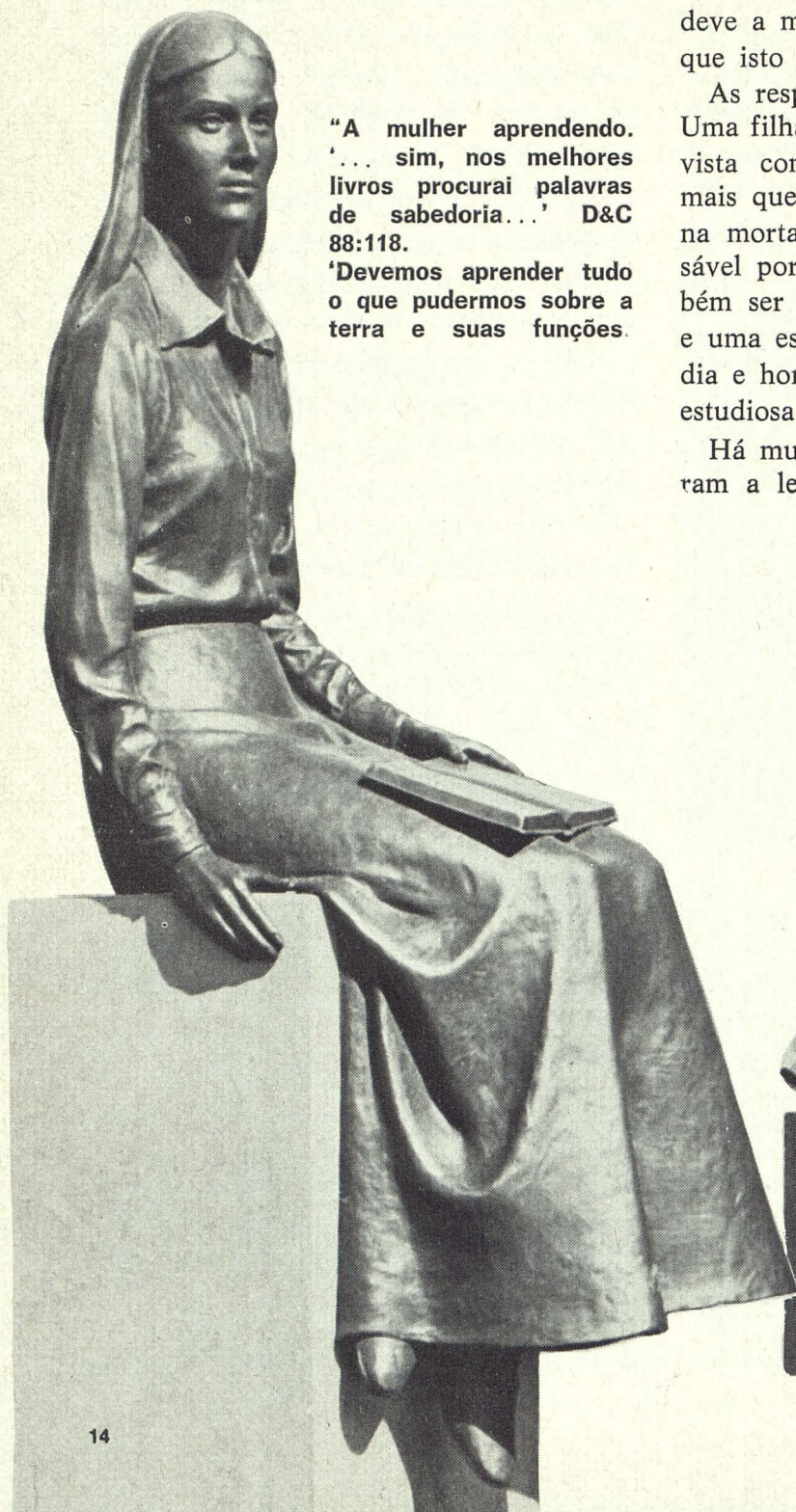
so celestial — após haverem vencido o mundo, após haverem saído da grande tribulação, após haverem feito tudo o que lhes havia sido designado, onde ouvirão a voz do Senhor a dizer-lhes: “Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.” (Mateus 25:34.)

É um princípio eterno — homem e mulher não estão sós; nem é o homem sem a mulher, nem a mulher sem o homem no Senhor. As mulheres são indicadas, como Rebeca, para serem guias e luzes em retidão na unidade familiar; para articularem e providenciarem que as coisas sejam feitas de uma forma tal, que resultem na salvação de mais filhos de nosso Pai. Deus seja louvado pelo sistema infinitamente maravilhoso da unidade familiar que nos forneceu — sistema que permite ao homem e à mulher unirem-se, proverem corpos para os filhos de nosso Pai Eterno, criá-los em luz, verdade e retidão, preparando e qualificando-os para retornarem à presença do Pai e serem herdeiros da vida eterna.

Que estupendo é saber o que sabemos, ter a certeza que temos, e os sentimentos em nossa alma, nascidos do Santo Espírito de Deus, de que os homens e as mulheres, juntos, podem ser como Deus, nosso Pai Eterno. Deus permita que assim seja para todos nós, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Não conserve as caixas de alabastro de seu amor e ternura seladas, até que seus amigos estejam mortos. Preencha a vida deles com doçura. Fale palavras animadoras, de aprovação e apoio, enquanto seus ouvidos podem ouvi-las e seus corações podem vibrar com elas.

AS MULHERES E AS ESCRITURAS



"A mulher aprendendo. '... sim, nos melhores livros procurai palavras de sabedoria...' D&C 88:118.

'Devemos aprender tudo o que pudermos sobre a terra e suas funções.

"Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam." (João 5:39.)

Pode surgir a pergunta: É necessário que a mulher seja uma estudiosa das escrituras, assim como o homem? Por que deve a mulher conhecer as escrituras? O que isto importa para ela, aqui e agora?

As respostas parecem um tanto óbvias. Uma filha do Senhor é tão preciosa a sua vista como qualquer de seus filhos; e mais que isso, o papel divino da mulher na mortalidade não é apenas de responsável por sua própria salvação, mas também ser uma auxiliadora de seu marido, e uma estrela guia para os filhos, a todo dia e hora. Isso requer que ela seja uma estudiosa das escrituras.

Há muitas mulheres que já se habituaram a ler as escrituras, mas ainda exis-



A LIAHONA

tem as que não viram a necessidade disso. Se uma pessoa não é capaz de viver melhor do que sua condição atual, então toda mãe precisa conhecer a seção 68 de Doutrina e Convênios. Esta seção contém o mandamento do Senhor aos pais e mães com respeito às coisas que devem ensinar a seus filhos antes que atinjam os oito anos de idade. A mãe precisa ensinar as doutrinas do arrependimento, fé em Cristo, o Filho de Deus vivo, e do batismo e dom do Espírito Santo pela imposição das mãos. Ela também deve ensinar seus filhos a orar e andar em retidão diante do Senhor. (V. D&C 68:25-28.)

ocupavam, e uma pequena cama de rodas do outro lado. Recordo-me como se fosse ontem. Assim que subimos, ela assentou-se junto à minha pequena cama de rodas. Fez-me ajoelhar diante dela. Cruzou minhas mãos, tomou-as entre as dela e ensinou-me a primeira oração. Jamais esquecerei. Não quero esquecer. É uma das recordações mais preciosas de minha vida: a mãe angelical, sentada junto à minha cama, ensinando-me a orar... Aquela oração me abriu a janela do céu. Aquela oração estendeu-me a mão de meu Pai Celestial, pois minha mãe me expli-



"Preparando o filho. 'Filho meu, guarda o mandamento de teu pai, e não deixes a lei de tua mãe.' Provérbios 6:20.

'Não pode haver maior obra, para os que têm a oportunidade, do que gerar filhos e filhas de Deus e ensinar-lhes os princípios corretos a fim de que possam escolher a felicidade e a instrução...' Irmã Bárbara B. Smith."

"Ensinando com amor. '...Procurai com zelo os dons melhores...' D&C 46:8.

'Devemos nutrir nossos filhos e dar-lhes o ambiente mais cálido, rico e recompensador de que formos capazes.' Irmã Bárbara B. Smith."

"Joseph e Emma. 'Tudo o que tiver para dar aos pobres, darei a esta sociedade...' 'Declaro agora organizada esta sociedade...' 'E agora giro a chave em vosso benefício, em nome do Senhor...' Joseph Smith."

A mãe do presidente George Albert Smith conhecia a vontade do Senhor; ele relatou este tocante incidente de quando foi ensinado a orar: "Fui ensinado por uma mãe que pertencia a esta Igreja. Uma das primeiras coisas de que me lembro é quando me tomou pela mão e levou-me para cima, ao quarto de dormir. Havia duas camas: a que meus pais

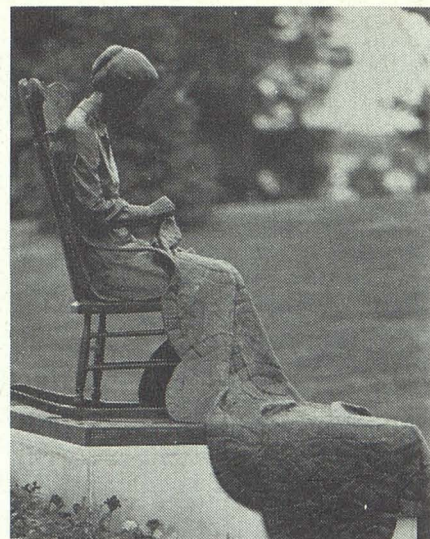
cou o que tudo aquilo significava, até onde uma criancinha pode compreender..." (*Sharing the Gospel with Others* — (Compartilhar o Evangelho) — Deseret Book Co., 1950; pp. 147-48.)

O Presidente Wilford Woodruff advertiu: "Considero que a mãe exerce uma influência muito maior do que qualquer outra pessoa sobre sua posteridade. É fre-

qüente a pergunta: 'Quando começa a educação?' Nossos profetas têm dito: 'Quando a vida espiritual proveniente de Deus penetra o tabernáculo'. A condição da mãe nessa ocasião terá seus efeitos sobre o fruto de seu ventre; e desde o nascimento da criança, e durante toda a vida, os ensinamentos e o exemplo da mãe governam e controlam, em grande parte, aquele filho, e sua influência é por ele sentida durante todo o tempo e a eternidade." (*The Discourses of Wilford Woodruff*, 1.^a edição, Bookcraft, 1946, p. 269.)

filho, tem grande vantagem sobre aquela que ignora seus deveres espirituais. A mãe instruída irá analisar cuidadosamente antes de aceitar qualquer sugestão que tenda a separá-la de seu filho durante os primeiros oito anos de vida.

Impressiona o fato real de que, para se sobrepujarem as tentações diárias, não é suficiente ler apenas as escrituras contidas na Bíblia e no Livro de Mórmon; a mulher também precisa de orientação e diretriz das escrituras que vieram à luz através de revelação do Senhor a seus profetas nesta dispensação. Essas escritu-



"A mulher e seus talentos. '...Se houver qualquer coisa... louvável, nós a procuraremos.' (Décima-terceira Regra de Fé.)

'O Senhor ordenou-nos que desenvolvêssemos nossos talentos... para podermos enriquecer a vida de nossos familiares e o... lar que dirigimos.' Irmã Bárbara B. Smith."

"Realização. '...e louvem-na nas portas as suas obras.' Provérbios 1:31.

Nos seus anos de maturidade a mulher encontrar-se-á diante de novas perspectivas e oportunidades.' Irmã Bárbara B. Smith."

Esta declaração do Presidente Woodruff tem crescente significado hoje, em vista de como muitas mulheres grávidas prejudicam seu corpo. Sabe-se que os bebês nascidos de mães viciadas em drogas apresentam os mesmos sintomas de prostração que suas mães. Se o nascituro é tão influenciado, quão vital é a influência da mãe após o nascimento, quando a criança já pode ver, ouvir, sentir, e imitar as ações materiais! A mulher que conhece suas responsabilidades conferidas por Deus, e que se preparou para educar seu

ras não se compõem de frases obscuras ou significados incompreensíveis; sua linguagem é atual.

Com os esforços desmedidos de Satanás para destruir os justos, à medida que se aproxima a segunda vinda do Salvador, a mulher SUD precisa fortificar-se com a compreensão da santidade do convênio do matrimônio e do elemento eterno fundamental da unidade familiar. Ela deve atentar para as palavras dos profetas atuais.

Se a mulher se sente incerta quanto

aos pontos de vista atuais e conflitantes a respeito de sua posição no mundo, tal incerteza será solucionada, quando buscar conselho nas palavras dos profetas. As instruções sobre seu papel no plano do evangelho jamais mudaram desde os dias



JUNHO DE 1979

de Adão até a atualidade. Como pessoa, a mulher cultivará e nutrirá um testemunho alicerçado na verdade revelada. Ao fortalecer e desenvolver seu espírito, preparar-se-á para cumprir o trabalho para o qual foi preordenada. Como pessoa, ela precisa guardar os mandamentos; e como esposa e mãe, necessita atentar para os conselhos inspirados. Para viver os mandamentos, é preciso que os conheça.

As escrituras ensinam o glorioso destino da mulher. Os profetas a louvam.

Declarou o Presidente Joseph F. Smith: "Existem pessoas que gostam de dizer que as mulheres são os vasos mais fracos. Não acredito. Fisicamente, talvez sejam; mas espiritual, moral, religiosamente e em fé, qual o homem que pode competir com uma mulher realmente determinada a atingir seus objetivos? Daniel teve a fé necessária para salvar-se da cova dos leões, mas as mulheres têm ajudado seus filhos a suportar terríveis sofrimentos físicos, e têm suportado toda sorte de torturas que a crueldade satânica poderia inventar, e isso porque elas têm fé, porque estão sempre mais dispostas a fazer sacrifícios e porque são iguais ao homem em estabilidade, em devoção, moralidade e em fé." (*Doutrina do Evangelho*, p. 322.)

Ao ler, estudar e incorporar as verdades a sua própria vida, a mulher será abençoada e orientada pelos sussurros do Espírito Santo que transmitirá a verdade ao seu espírito. O caminho apertado e estreito diante dela irá acenar-lhe e conduzi-la à vida eterna.

"Mulher. 'A força e a glória são os seus vestidos, e ri-se do dia futuro.' Provérbios 31:25.

'Espero que toda mulher que olhar para a figura central, "Mulher" ...veja-se a si própria... sabendo que tem dentro de si a capacidade de progresso eterno, a força para enfrentar quaisquer situações que a vida tenha a oferecer, e o direito de escolher o rumo de sua existência.' Irmã Bárbara B. Smith."

COMO OS PAIS NUTREM ESPIRITUALMENTE SEUS FILHOS

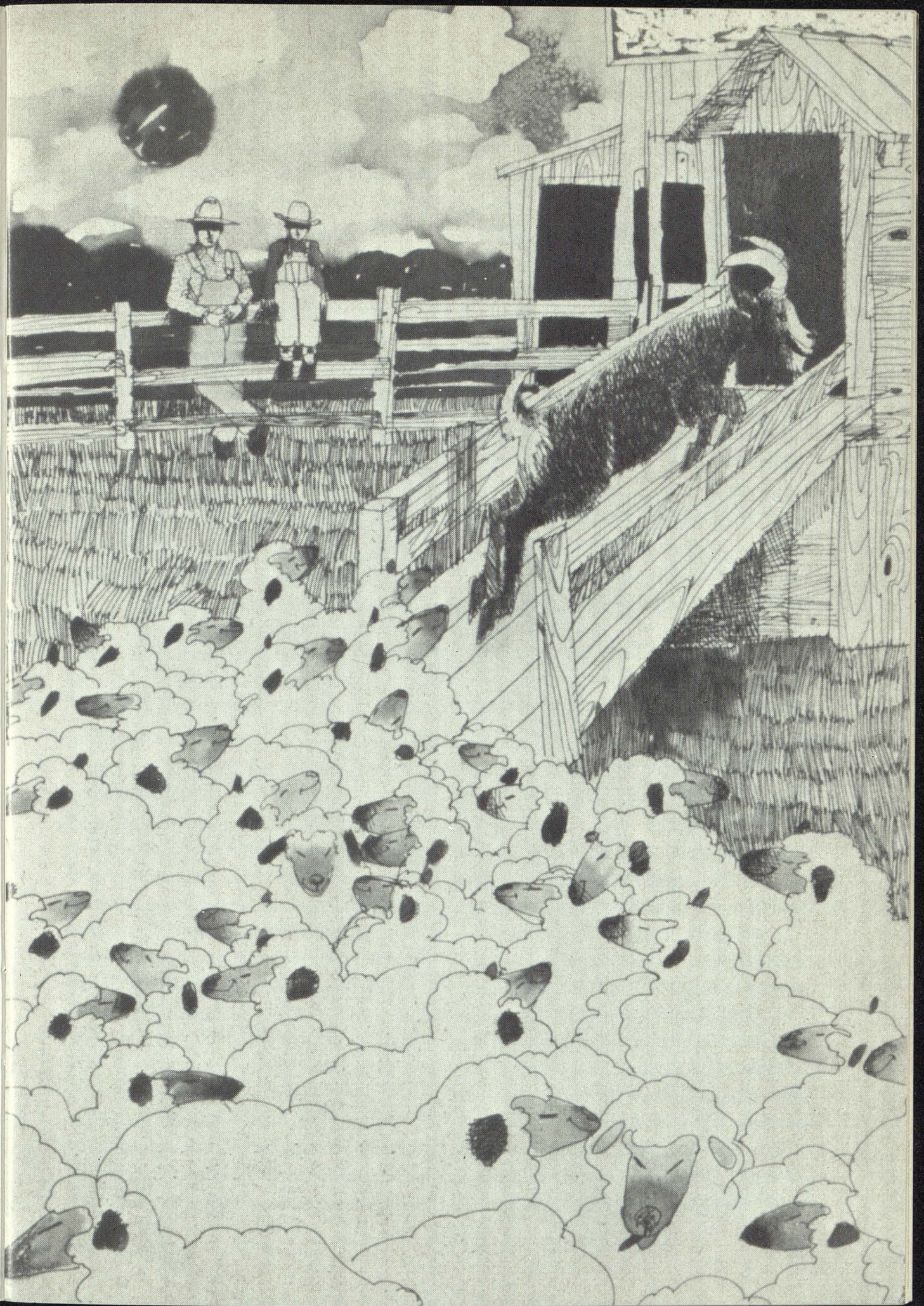
Quando eu era menino, costumava ir ao matadouro com meu pai. Morávamos em um sítio, e ocasionalmente, vendíamos ali alguns animais.

Os currais para bois, porcos e carneiros ficavam junto à barranca do rio. Havia uma ponte cercada que atravessava o rio, ligada a uma rampa que dava direto ao andar superior da unidade de processamento industrial, na outra margem. Uma vez que os animais a serem sacrificados precisavam ser conduzidos através da ponte e pela rampa acima, os homens que dirigiam essa operação descobriram uma artimanha para solucionar o problema. Ensinaram um bode preto a entrar no cercado das ovelhas e carneiros, misturar-se aos animais e depois liderar o caminho pela ponte e rampa até a porta

da unidade de processamento. Uma vez lá dentro, o bode punha-se de lado e as ovelhas prosseguiam até seu destino final.

Lembro-me de observar a cena, enquanto meu pai explicava a operação. Ele parou, e então disse: “Que isso seja uma lição para você; tenha cuidado ao seguir alguém. Certifique-se de que sabe para onde está sendo levado.”

Jamais me esqueci daquela experiência. Quando penso nos pais liderando, ensinando, alimentando espiritualmente sua família, recordo-me de que meu pai fez isso — de maneira simples, porém inolvidável e duradoura. As oportunidades para ensinar lições importantes nem sempre são planejadas. Muitas vezes surgem das experiências do dia-a-dia — um pouco aqui, outro pouco ali, aproveitando-se um momento ocasional.



ez
as
il.
n-
le
ra
ir
ra

a.
si-
ia
ez
ol-
es
n-
m
u-
se

VA

Provavelmente a lição mais impressionante que já aprendi como pai é que meus filhos são nutridos tanto ou até mais com aquilo que sou do que aquilo que procuro ensinar.

Um desafio que enfrento como pai é o de criar com meus filhos um relacionamento mais forte do que aquele que têm com os amigos. Isso não é tão difícil com as crianças pequenas como com os adolescentes. As crianças gostam de brincar, e não é difícil rolar no tapete, fazer cócegas, contar histórias ou inventar caretas engraçadas.

Mas, após os dez anos, minha competição acirra-se. Os filhos mais velhos tendem a criar laços fortes com os amigos de sua própria idade, muito embora ainda queiram nosso afeto e atenção. O desafio, segundo vejo, é manter um relacionamento mais forte com cada filho do que aquele que ele tem com outros — atraí-lo mais fortemente à família do que ele é atraído por qualquer outro grupo. Esse relacionamento permite aos pais continuarem sendo mestres eficazes dos filhos.

Aprendi que a criação desse tipo de relacionamento didático exige experiências especiais com cada filho. Procuro ter tais experiências ao menos semanalmente — às vezes em grandes acontecimentos, outras em pequenos. Um acampamento ou uma pescaria funcionam bem com meus rapazes, mas minhas filhas esperam algo diferente, e, às vezes, levo algum tempo para descobrir o que fazer. Ensinar-lhes um passo de dança meio "fora-de-moda", acompanhar seu desenvolvimento na escola e na vida social, explicar por que os jovens agem à sua maneira, ou levá-las

sozinhas a passear ou jantar fora parecer funcionado bem com minhas garotas.

O segredo está em ajudá-las a compreenderem a relação entre o que você faz e o que isso significa. De vez em quando, deixe que o vejam sacrificar algo que eles sabem que você realmente gosta, para poder estar em sua companhia.

Tenho um amigo sábio a quem considero um pai bem sucedido. Diz ele: "Precisamos entender que a disposição de perder algumas batalhas poderá ajudar-nos a ganhar a guerra." Descobri que isto é verdade. Queremos que nossos filhos desenvolvam independência e maturidade suficientes para estabelecer um bom lar, apropriado para nossos netos. É improvável que tenham êxito nisso, a menos que tomem algumas decisões diferentes das nossas.

Maridos e esposas precisam dar e receber no casamento; assim também pais e filhos. Para mim, é uma luta constante decidir onde devo manter minha posição, e onde devo, graciosamente, aceitar a "derrota." Parece-me valer a pena perder as escaramuças menores, se meus filhos permanecerem firmes nos assuntos que sinto serem por demais vitais para ceder.

Saber onde ceder e onde permanecer firmes realça nossa necessidade de orientação divina. Sei por experiência própria que, a menos que eu receba auxílio espiritual, nada poderei transmitir. Muito me serviu a instrução dada pelo Presidente Brigham Young aos pais, no sentido de que convidem diariamente o Espírito Santo às suas casas.

"Pais, jamais cessai de orar para que vossas esposas possam gozar desta bênção de serem influenciadas pelo Espírito do Senhor, para que as criancinhas possam

ser dotadas do Espírito Santo desde o ventre materno. Se desejais que uma nação se erga cheia do Espírito Santo e de poder, esta é a maneira de consegui-lo. Todo outro dever obrigatório ao homem, mulher ou criança virá a seu lugar, no devido tempo e estação. Lembrai-vos disso, irmãos. Que vossos corações sejam puros diante do Senhor, e jamais cesseis de fazer tudo o que puderdes para a satisfação e conforto de vossa família, a fim de que todos possam desfrutar continuamente dos privilégios do Espírito do Se-

embaraçar-nos ou precisarem de corretivos; nem devemos imaginar que nunca teremos problemas com eles. A hipocrisia é um peso muito grande contra o qual lutar.

Os pais nutrem os filhos espiritualmente ao tornarem bem nítida a diferença entre o certo e o errado. Se fizermos tudo o que pudermos, enquanto nos for possível, estaremos cumprindo nossa parte.

Uma das experiências mais compensadoras que já tive como pai é observar o sucesso de meus filhos. Ao se apresenta-

“Como os Pais Nutrem Espiritualmente Seus Filhos.”

“Um desafio que enfrento como pai é o de criar com meus filhos um relacionamento mais forte do que aquele que têm com os amigos.”

nhor. Se não conseguirdes isso, vossas realizações culturais não excederão as do mundo.” (Journal of Discourses, 1: 69.)

Descobri que, quando oro por minha mulher para que tenha a influência do Espírito Santo ao lidar com nossos filhos, eu me torno mais sensível ao que devo fazer como pai. Da mesma forma, acho mais fácil ensinar meus filhos, se eu converso com Deus a respeito deles, da mesma forma como falo a meus filhos acerca de Deus.

O mandamento aos pais é ensinar os filhos a orar, andar em retidão e santificar o dia do Senhor. Não se pode fugir a essa responsabilidade. Há duas consequências decorrentes: não devemos esperar que nossos filhos cresçam sem nunca

rem na noite familiar ou programas da Igreja, observei que alguns são muito tímidos, enquanto outros parecem ser atores natos. Mas todos querem sair-se bem, e sinto que uma de minhas responsabilidades espirituais é ajudá-los a desenvolverem suficiente autoconfiança, para que possam dar vazão a seus talentos.

Minha mulher tem um grande método. Frequentemente se põe diante da família, e chama filho por filho para junto de si e conta-nos algo de especial sobre ele. Todos ficam um pouco ruborizados, mas também radiantes, e nosso lar se torna ainda mais aconchegante após um episódio desses.

Outra excelente maneira de o pai nutrir espiritualmente sua família é assegu-

rar a seus entes queridos a oportunidade de serem influenciados para o bem por outros homens e mulheres nobres.

Outras formas de satisfazer as necessidades de nossa família são: levá-la à Igreja, matricular nossos filhos no seminário, conversar com os professores da escola e da Igreja acerca de seus objetivos e desempenho, incentivar minha mulher a freqüentar a Sociedade de Socorro, e convidar boas pessoas a virem à nossa casa. É néscio o pai que julga que tem de fazer tudo sozinho.

Após tudo o que um pai possa dizer acerca de encaminhar seus filhos para a retidão, nada que ele fizer terá tanto impacto como a escolha da mãe. A maior dádiva que um pai concede a seus filhos é sua mãe, pois, mais do que qualquer outra força individual, é quem exerce maior influência sobre eles. É absolutamente vital que ela busque e nutra a retidão dentro de casa.

Um pai pode nutrir espiritualmente sua família, esforçando-se para manter um nobre relacionamento com sua esposa, e expressando esse sentimento através de atos; dizendo aos filhos o que sente a respeito dela, respeitando seus desejos, consultando-a para ouvir sua opinião, sendo seu amigo, cortejando-a — não exigindo — obter seu interesse e atenção, manifestando gratidão por palavras e obras, compartilhando seus próprios sentimentos e problemas, mostrando, através de um planejamento do próprio tempo, que os interesses dela são importantes, que você gosta de sua companhia e valoriza seu testemunho. É difícil para uma mulher manter espiritualidade no lar, se o marido não mostrar apreço e respeito por sua retidão pessoal.

Quando ajudo meus filhos a encararem a vida inteira por uma perspectiva espiritual, descubro mais oportunidades de fornecer-lhes nutrição espiritual. Ao mesmo tempo, percebo que sou nutrido espiritualmente por eles.

Incentiva-me ler a experiência de Enos, mostrando que o esforço de seu pai para

PRESIDIR EM NOSSO LAR SIGNIFICA...

Joan Flinders

Aprecio todas as boas coisas que meu marido, Neil, representa, porque elas aumentam as influências espirituais recebidas por mim e meus filhos — e isso é importante, porque a atmosfera espiritual de uma família é determinada, em grande parte, pela espiritualidade do pai. Se ele não tiver força espiritual, não poderá transmiti-la a sua esposa e filhos. Eis alguns exemplos de como meu marido nos nutre espiritualmente:

1. Poucos anos atrás, decidimos manter um registro escrito de alguns dos pontos fortes e fracos de nossos filhos, e ter uma entrevista pessoal com cada um, a cada dois ou três meses.

O pai preparou um fichário com o nome de cada filho. Dentro, do lado esquerdo, encontram-se folhas de papel com o título "fraquezas". Do lado direito, estão as folhas intituladas "pontos fortes."

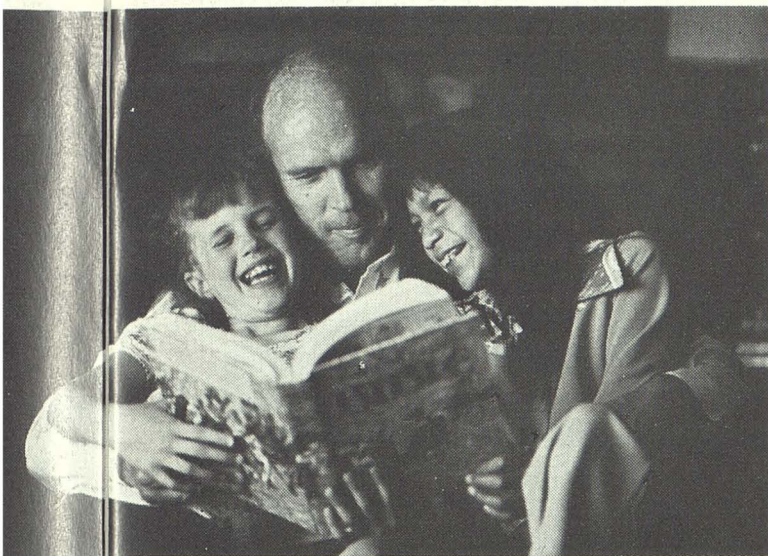
Durante a entrevista, que representa um momento especial, a sós, com cada



prover-lhe nutrição espiritual não teve grande impacto imediato. (Enos 3.) Às vezes pode parecer que nossos esforços são de pouca utilidade, que são ignorados ou suportados de má vontade. Mas as experiências como a que tive quando ainda menino, observando um bode preto chamado Judas, são-me testemunhas de

que o retorno vale o investimento, mesmo que leve algum tempo para render juros e dividendos.

Neil J. Flinders é diretor de registros, pesquisa e avaliação para o Departamento de Seminários e Institutos.



filho, debatemos ambas as áreas. Apomos a data, e escrevemos como cada um de nós três vê quaisquer problemas que existam, enumeramos as tarefas bem feitas e registramos as atitudes que melhoraram durante as últimas semanas. Os filhos sentem-se à vontade para nos expressar quaisquer sentimentos que tenham com relação ao lar, outros membros da família, seus amigos ou preocupações pessoais. E nós reagimos e respondemos como pais.

2. Nem sempre é fácil fazer com que sete filhos trabalhem em harmonia dentro de casa, mas quando o papai pode trabalhar com eles, todos adoram, e o “trabalho” transforma-se em “diversão”. Parte disso se deve ao fato de ele estar sempre falando das tarefas que realizava quando menino, e de quão importante é gostar do trabalho.

Como família, plantamos uma horta a cada primavera. Todos participamos da preparação da terra, semeadura, irrigação, capina e retirada de ervas daninhas. Daí,

no verão e outono, cada filho pode ter a sensação de colher — arrancando rabanetes, colhendo morangos ou milho, desenterrando batatas etc.

Neil está sempre alerta quanto às oportunidades didáticas e compara os diferentes aspectos da horta com os preparativos para a missão, a vida após a morte, a importância de atenção e treinamento adequados, cuidado com o inimigo (ervas daninhas). Muitas lições são aprendidas das coisas simples que fazemos a cada dia.

3. Outra experiência significativa que temos como família é a leitura das escrituras, geralmente durante dez ou quinze minutos após o jantar. O Livro de Mórmon é nosso projeto atual. Todos se revezam na leitura e mesmo os pequenos que ainda não vão à escola, têm um livro e seguem a leitura com o dedo. De vez em quando, perguntam: “Onde estamos agora?” É interessante, também, notar que os menores freqüentemente nos lembram de que é hora de ler as escrituras. Neil dá-nos muitos esclarecimentos do ponto de vista espiritual nessas ocasiões. Muitas vezes apresenta uma idéia no quadro-negro ou dramatiza uma parte da história. As crianças adoram!

4. O domingo de jejum é mais significativo quando há propósito no jejum, e é muito útil quando Neil debate, no sábado, o propósito do “jejum” (alguém em nossa ala está doente, alguém precisa de uma bênção especial.) É uma oportunidade muito importante para as crianças pequenas, quando ele despende algum tempo para escutar suas orações individuais, e quase sempre o ouço perguntando aos maiores se estão orando diariamente.

Sei que, se reservarmos algum tempo durante as refeições ou na hora da oração para falar acerca dos acontecimentos do dia, as crianças tornar-se-ão mais sensíveis e gratas.

5. Um pai também nutre sua família espiritualmente pela maneira como exerce seu sacerdócio. Ele dá o exemplo através de sua atitude. As crianças são abençoadas especialmente ao saberem que seu pai está feliz por realizar o trabalho do Senhor. É importante para todos nós que Neil faça constante esforço para levar-me ao templo todos os meses. Esse hábito em nossa família tem um impacto positivo sobre todos nós. Ajuda-nos, como pais, a manter nossas prioridades em ordem, e as crianças parecem sentir que existe algo de especial naquilo que fazemos. Expressam isso em suas atitudes de cooperação. Sentimos que ir ao templo é um modo importante de ensinar nossos filhos a casarem-se ali.

6. Para nós, o melhor momento da semana é a noite familiar. Aguardamos ansiosamente esse tempo despendido em família. Cada um tem sua vez de apresentar a aula, dirigir um jogo, cantar um hino ou contar alguma experiência espe-

cial, mas é sempre Neil que preside. Assim, ele observa o clima emocional da família, anotando mentalmente o que pode ser feito para melhorá-lo.

É uma ocasião ideal para nos conhecermos melhor e ensinarmos a fundo os princípios do evangelho. Durante nossa noite familiar, temos oportunidade de avaliar o conhecimento de nossos filhos, pois muitas vezes achamos que certos conceitos do evangelho estão claros, quando, de fato, não estão. Por exemplo, um de nossos pequenos teve dificuldade em aprender a distinguir entre o Presidente da Igreja e o Presidente da República.

Essas são algumas das áreas em que tivemos sucesso; mas o que funciona para nós, poderá não funcionar em outra família. Como esposa, devemos ser pacientes, caso nosso marido nem sempre tome a dianteira; mas precisamos manifestar apreço por todas as suas boas qualidades. Um casamento bem sucedido, assim como um testemunho, deve ser renovado continuamente, para que se mantenha vivo.

Joan Flinders, dona de casa, serve como professora da Primária.

“De onde veio a luz”

Susa Young Gates

Os primeiros dias de abril de 1893 foram sombrios e tempestuosos. Um céu escuro estendia-se sobre a terra; chovia todos os dias, e os ventos da tempestade abatiam-se terrivelmente sobre os campos. Ainda assim, o brilhantismo e a glória daqueles dias excediam a nebulosidade e escuridão. A dedicação do Templo de Lago Salgado realizou-se nessa ocasião tempestuosa.

Durante os serviços dedicatórios, tive o privilégio de transcrever os pronunciamentos oficiais das reuniões. Na primeira, conhecida como “dedicação oficial”, encontrava-me sentada no lado inferior dos púlpitos do leste, à mesa de secretaria. O irmão John Nicholson sentou ao meu lado. Assim que o Presidente Joseph F. Smith começou a discursar, uma luz radiosa refletiu-se em seu semblante e tive uma sensação peculiar. Julguei que as nuvens se houvessem dissipado e um raio de sol pousara na cabeça do presidente.

Comentei com o Irmão Nicholson: — Que efeito interessante da luz do sol no

rosto do Presidente Smith! Veja só! Ele respondeu: — Não há luz do sol lá fora — nada, exceto nuvens escuras e sombras. Olhei pela janela e vi que o Irmão Nicholson tinha razão. Não havia a menor réstia de luz no céu pesado, de nuvens escuras, que cobria a cidade; não havia luz solar onde quer que fosse.

De onde veio a luz que brilhava no rosto do Presidente Smith? Eu vi a presença real do Santo Espírito, focalizado nas feições de nosso líder e profeta, Joseph F. Smith. Foi um reforço ao meu testemunho de que ele era um “escolhido do Senhor.” Compartilho esta ocorrência como uma das experiências mais sagradas de minha vida.

Susa Young nasceu a 18 de março de 1856, na Cidade de Lago Salgado, filha de Brigham Young e Lucy Bigelow. Casou-se com Jacob Gates em 1880. Teve treze filhos e foi a editora e fundadora do «Young Women's Journals», editora da Revista da Sociedade de Socorro. Escreveu livros sobre genealogia, economia doméstica, etc. Faleceu na Cidade de Lago Salgado, a 27 de maio de 1933.

COMO DESCOBRI MINHA MULHER



Não tenho palavras para expressar adequadamente como me sinto acerca de minha companheira. Amo-a incomensuravelmente mais do que quando com ela me casei. Confio nela, respeito-a, dependendo dela, e acima de tudo, orgulho-me dela.

Minha mulher é uma pessoa que redescobri após anos de casamento — e continuo sempre descobrindo mais a seu respeito.

Tive ocasião de conversar com várias de nossas irmãs na Igreja. Relataram-me algumas de suas frustrações que também haviam acontecido em meu casamento. Essas irmãs eram ativas e devotas como membros da Igreja. Honravam e respeitavam o sacerdócio. Gostavam de ser mães

e donas-de-casa, e sentiam que apoiavam o marido; mas, relutantes, confessavam que, às vezes, não reconheciam suas próprias contribuições ao casamento e à família. As coisas que desejavam fazer, de algum modo, não pareciam tão importantes quanto o que o marido e filhos queriam fazer. Pareciam nunca ter tempo para si mesmas. E mesmo amando muito seu marido, ainda assim sentiam certa falta de “unidade” no casamento, porque o marido, aparentemente, não conhecia nem compreendia alguns de seus importantes pensamentos, sentimentos e preocupações.

Quando nos batizamos na Igreja, recém-casados, fomos inspirados pelo exemplo dos líderes da Igreja, os quais, obviamente, se dedicavam integralmente ao

serviço do Senhor. Durante os dez anos seguintes, minha mulher e eu ocupamos, cada um, três ou quatro cargos simultaneamente, ao mesmo tempo que mais dois filhos se juntavam aos dois primeiros.

Vagamente observava que jamais falávamos de outra coisa que não de família ou assuntos domésticos. E cada vez mais eu deixava as decisões referentes a nossos filhos para ela, restringindo-me a murmurar minha aprovação ou ocasional objeção. E também transferi cada vez mais para ela a responsabilidade pela realização da noite familiar. Negligenciando minhas responsabilidades como pai, eu aumentava seu fardo de mãe; e, ainda por cima, pouco fazia, como marido, para fortalecê-la em seu papel de mãe.

O que me despertou foi um discurso do Elder Paul H. Dunn, no qual sugeria, entre outras coisas, que o marido não deveria ser sempre a única fonte de informação quanto a questões escriturísticas, eclesiásticas ou acadêmicas; a esposa deveria ter tempo e incentivo para fazer sua própria pesquisa, aumentar seu próprio conhecimento, e aguçar suas técnicas pessoais de aprendizagem.

Lembro-me da surpresa que senti ao perceber quantas vezes eu orava para que nossos filhos atingissem seu pleno potencial no evangelho e nos estudos seculares, mas nunca havia suplicado a mesma bênção para minha mulher. Também notei que eu sempre procurava arranjar ocasião para meus passatempos e diversões, porque julgava importante ter atividades diversificadas, mas não aplicava os mesmos princípios e diretrizes para minha mulher.

Depois de muito pensar sobre isso e outros assuntos correlatos, dirigi-me ao Senhor em oração. Parte da resposta foi um novo entendimento da escritura que se encontra em Mateus 19:5-6, que se refere a marido e mulher como não sendo mais dois, porém um só. Pude ver marido e mulher esforçando-se juntos para atingir a perfeição. Se parte desse corpo tem carências, todo o corpo sofre.

Humilhado, tornei a casa para compartilhar com minha mulher a nova descoberta, e sugerir que ela reservasse algum tempo para estudar, aprender ou fazer algo de que gostava. De início, recusou-se a pensar no assunto. Achava que já estava envolvida em tantas responsabilidades importantes, que não teria tempo para outros interesses fora de casa. De-

batemos e oramos a respeito. Uma semana depois, ela decidiu, com certas reservas, matricular-se num curso noturno do Instituto de Religião, a respeito da Pérola de Grande Valor.

Quaisquer temores ou dúvidas logo se dissiparam. Sempre voltava entusiasmada da aula, ansiosa de contar um novo princípio aprendido ou falar sobre aulas interessantes. Começamos a ter algo para conversar além de trabalho e filhos. Cuidar dos filhos uma noite por semana, durante algum tempo, fez-me ter maior apreço por sua contribuição no lar — além de renovar os contatos perdidos com nossos filhos. Eles perceberam a diferença na mãe e interessavam-se em

“O casamento eterno é . . .
um convênio de
crescimento mútuo.”

saber sobre suas aulas também. A felicidade foi contagiante.

Posteriormente, de tempos em tempos, ela fazia cursos por correspondência sobre outros assuntos, e, finalmente, reuniu coragem suficiente para realizar um sonho acalentado durante anos — um curso de arte. Fiquei admirado ao ver que, por mais de duas décadas de casamento, eu havia ignorado essa importante faceta de sua personalidade, e estava agora orgulhoso de ver desabrochar seu talento artístico. Ela floresceu em confiança, e nosso relacionamento melhorou e enriqueceu-se, além de havermos fortalecido nosso conhecimento mútuo.

Muitos casais têm rica e plena comunicação mútua, e apóiam-se integralmente. Mas há muitas excelentes irmãs que já se sentiram e ainda relutam em conversar com o marido — assim como minha mulher — porque, de alguma forma, recebiam desses homens ocupados, a mensagem de que suas necessidades eram menos importantes que as deles ou da família em geral.

Quando minha mulher começou a frequentar as aulas, observei que principiamos a manter debates estimulantes e produtivos sobre as escrituras e assuntos correlatos, com mais freqüência. Em uma das experiências, particularmente significativa, conversamos calmamente no tem-

plo, após uma sessão, e ela compartilhou comigo como entendia a cerimônia do endowment. O Espírito testemunhou da veracidade do que ela dizia. Aquele momento juntos foi precioso para nosso relacionamento.

Não creio que tenham sido as aulas que lhe deram aquele conhecimento; sua maior autoconfiança e crescente âmbito de interesse fizeram-na ponderar fervorosamente um assunto que, anteriormente, considerava "além de seus limites." Como resultado de sua percepção espiritual, ela pôde elevar e ampliar meu conhecimento de uma importante verdade eterna.

Prestar reconhecimento a minha mulher, não apenas pelas coisas que ela fez para mim e nossa família, mas também como pessoa de talentos e contribuições ímpares, tornou-me mais consciente da verdade de que todo cônjuge deve participar integralmente de uma meta conjunta de progresso e perfeição. O casamento eterno é, num sentido muito real, um convênio de crescimento mútuo em busca de nossa plena realização.

Thomas W. Ladanye, diretor de Instituto, serve como membro do sumo conselho da Estaca Beloit Wisconsin.

Perguntas e Respostas

(Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como declarações oficiais da Igreja.)

"A pessoa está sempre justificada, se desobedecer aos pais a fim de seguir princípios do evangelho?"

No caso extremo e improvável de um pai requerer ou ordenar a seu filho que faça algo evidentemente mau, anti-social, ou autodestruidor, eu me recordaria do conselho do Presidente Brigham Young às irmãs da Igreja, no sentido de que deveriam apoiar e honrar seu marido, mas que nenhuma mulher é obrigada a seguir o marido ao inferno.

Se um dos pais sugerir a seu filho que faça algo claramente contrário aos padrões do evangelho, o jovem agirá sabiamente, se buscar ajuda e conselho do outro genitor. Mas não consigo imaginar pais amorosos e razoavelmente sadios, exigindo, em conjunto, que seus filhos façam algo verdadeiramente errado ou mau. Já vi isso acontecer somente em casos de doença ou grave desequilíbrio mental. E tais condições devem ser aparentes para o filho.

Entretanto, posso imaginar, especialmente em famílias onde nem todos são membros da Igreja, que um dos pais peça a seus filhos que trabalhem no domingo,

ou não guardem o dia do Senhor, que não paguem o dízimo, que bebam coisas desaconselhadas, ou façam coisas contrárias aos princípios do evangelho. Mas devemos reconhecer que, tanto pela lei espiritual como temporal, os pais são os guardiães dos filhos e os responsáveis por sua educação. Assim, o problema não será resolvido através de rebelião aberta. Sugiro que o jovem solicite, com jeito, que lhe permitam viver os padrões da Igreja. Que resolva o problema de maneira pacífica, negociando à moda de Cristo. Certamente, o jejum e a oração proporcionarão ao jovem, digno membro da Igreja, a oportunidade de receber revelação pessoal que irá auxiliá-lo a resolver o problema com o pai (ou mãe), de maneira construtiva, para que ninguém saia perdendo. Se o problema ou conflito persistir, acho que se deve buscar o conselho do bispo.

Às vezes, obedecemos a um mandamento maior que governa o menor. E a prova que se pode utilizar para decidir como solucionar uma situação delicada seria: "O que Cristo faria em situação semelhante?"

Victor B. Cline, professor do Departamento de Psicologia da Universidade de Utah.

Casamento Celestial

2.^a PARTE

Bruce R. McConkie



Tudo o que fazemos na Igreja está ligado ou associado à ordem eterna do matrimônio, ordenada por Deus. Tudo o que fazemos, desde o momento em que nos tornamos responsáveis, em todas as nossas experiências, em todo conselho e orientação que recebemos, até a hora do casamento, objetiva preparar-nos para um acordo matrimonial probatório, que será eterno, caso cumpramos o convênio feito em relação a essa ordem matrimonial. Daí, tudo em nossa vida, seja lá o que for, cinge-se àquela ordem celestial do matrimônio, e destina-se a incentivar-nos a guardar o convênio feito em lugares sagrados. Isto é, em poucas palavras, como agimos.

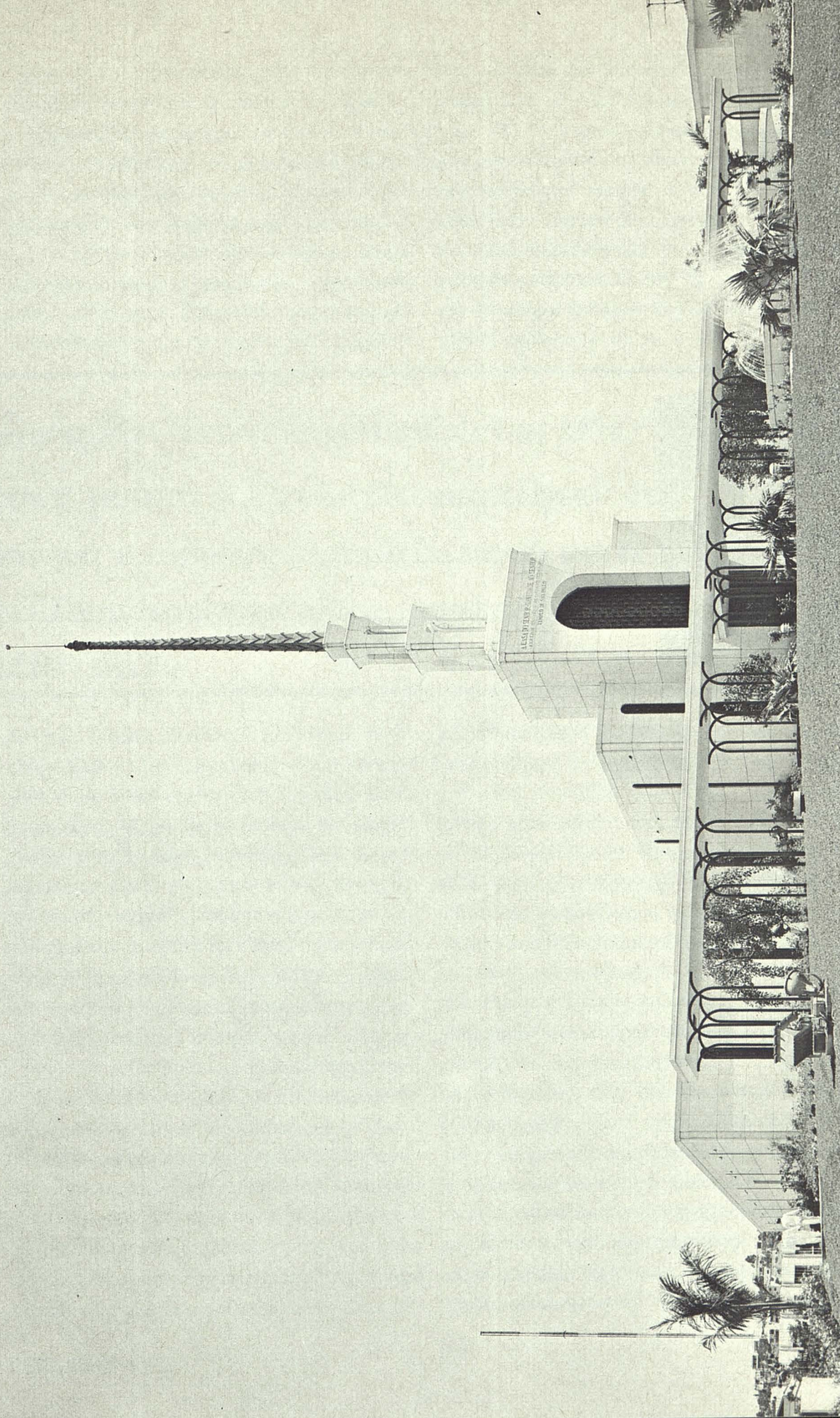
Permiti que leia o conceito geral que governa o matrimônio, em Doutrina e Convênios:

“Pois todos os que receberem uma bênção de minhas mãos, obedecerão à lei e

às condições que, desde antes da fundação do mundo foram instituídas para o recebimento daquelas bênçãos.” (D&C 132:5.)

Este é o princípio básico, governante, soberano que rege os homens em todas as eras. Ninguém obtém algo por nada. Recebemos gratuitamente o dom da ressurreição, mas precisamos fazer jus, vivendo meritória e retamente na preexistência, para ter o direito de passar por esta provação mortal e receber a ressurreição. Ninguém jamais consegue algo em troca de nada; assim, vivemos a lei e obtemos a bênção. Depois, o Senhor declara:

“E, no que diz respeito ao novo e eterno convênio, foi instituído para a plenitude de minha glória; e aquele que recebe de sua plenitude guardará a lei, ou será condenado, diz o Senhor Deus.” (D&C 132:6.)



O “novo e eterno convênio” é a plenitude do evangelho, que é o convênio de salvação feito pelo Senhor. É novo, porque foi revelado novamente em nossa época; é eterno, porque os povos fiéis sempre o tiveram, não apenas nesta terra, mas em todos os planetas habitados por filhos de nosso Pai. O versículo seguinte, de número 7, é o resumo, numa só sentença, de toda a lei do evangelho inteiro.

para reter esse poder nos últimos dias, e nunca há senão um na terra, num mesmo tempo, a quem este poder e as chaves deste sacerdócio são conferidos), não terão eficácia, virtude ou vigor algum na ressurreição dos mortos; nem depois dela, pois todos os contratos que não forem realizados com esse propósito, têm fim quando os homens morrem.” (D&C 132:7.)



“O novo e eterno convênio” é a plenitude do evangelho e a salvação que o Senhor faz com os homens. É novo em nossa época; é eterno, porque os povos fiéis sempre o tiveram, mas em todos os planetas habitados por filhos de nosso Pai.

Elder Bruce R.

Foi escrito em linguagem legal, com todos os termos e condições. É o Senhor quem fala:

“E na verdade eu te digo, estas são as condições desta lei (aquí apresenta as condições da lei que rege toda a gama da religião revelada, mas faremos dela aplicação específica à nossa responsabilidade central, que é o casamento): todos os convênios, contratos, laços, obrigações, votos, promessas, realizações, conexões, associações ou expectativas que não forem feitos e selados pelo Santo Espírito da promessa, e por meio daquele que é ungido, tanto para esta vida como para toda a eternidade, e isso também da maneira mais sagrada, por revelação e mandamento, por intermédio do meu ungido, o qual, na terra para reter este poder designei (e eu escolhi o meu servo Joseph

O que isto significa? (como mortais, temos poder para fazer entre nós quaisquer acordos que quisermos e que forem legais na sociedade em que vivemos, os quais nos poderão obrigar até a morte. Mas não temos poder, na condição mortal, de obrigar-nos após a morte. Nem vós nem eu podemos assumir a responsabilidade, mediante contrato, de praticar qualquer ato na esfera do além. Deus nos deu o livre arbítrio aqui e agora, no que tangere à mortalidade.

Somos mortais; esta é uma esfera limitada pelo tempo. E se quisermos fazer algo aqui, que sirva de ponte sobre o abismo da morte, algo que perdure no mundo espiritual, algo que conosco permaneça na ressurreição, teremos que fazê-lo mediante um poder superior ao do homem — o de Deus. O homem é mor-

tal, e seus atos limitam-se à mortalidade; Deus é eterno e seus atos não têm fim.

O Senhor conferiu a Pedro as chaves do reino de Deus, para selar na terra e eternamente nos céus; esse poder foi transmitido a Tiago e a João, e, depois a todos os antigos Doze Apóstolos, de modo que todos possuíam o mesmo poder. Hoje, esse poder foi restaurado da mesma forma como existia na antigüida-

e a mulher se tornem marido e mulher aqui e agora e — se guardarem o convênio feito — permaneçam marido e mulher no mundo espiritual, ressurgindo em glória e domínio, com reinos e exaltação, tendo a vida eterna. Foi nesta Igreja, e somente nesta Igreja, que o Senhor Todo-Poderoso depositou o poder selador. Este é nosso potencial; e temos a capacidade de atingi-lo.

tude do evangelho, e o evangelho é o convênio de
ens. É novo, porque foi revelado novamente em
fiéis sempre o tiveram, não apenas nesta terra,
ados por filhos de nosso Pai.”

íce R. McConkie

de. O Senhor chamou apóstolos e profetas, e deu-lhes as chaves do reino de Deus; e eles têm mais uma vez o poder de ligar na terra e também nos céus, eternamente. Ele enviou Elias que trouxe o poder selador; enviou Elaías que conferiu o evangelho de Abraão, e a promessa a Joseph Smith e Oliver Cowdery de que neles e na semente deles todas as gerações posteriores seriam abençoadas.

Elias e Elaías vieram, agindo com o poder e autoridade do Todo-Poderoso e conferiram novamente suas chaves, poderes, prerrogativas e direitos aos homens mortais sobre a terra — louvor a Deus por esse privilégio glorioso! Uma vez mais há pessoas capazes de ligar na terra e garantir um selamento eterno nos céus. Temos o poder de realizar um casamento e podemos fazê-lo de modo que o homem

Nesta frase que resume toda a lei do evangelho, encontramos três requisitos. Se, por exemplo, uma pessoa quer receber um batismo que dure eternamente, deve primeiro procurar o batismo correto; segundo, encontrar um administrador legal para realizar a ordenança em seu favor; e terceiro, é preciso que essa ordenança seja selada pelo poder do Santo Espírito, pelo que o batismo servirá como admissão da pessoa arrependida em um reino celestial nas esferas do porvir. O selamento pelo Espírito Santo da promessa aplica-se a todo convênio, toda ordenança e todas as coisas que existem na Igreja. Não faleis a respeito de casamento e do Santo Espírito da promessa, a menos e até que primeiramente compreendais o conceito, o princípio e sua aplicação universal.

Uma de nossas revelações fala do "... Espírito Santo da promessa, o qual o Pai derrama sobre todos os justos e fiéis." (D&C 76:53), significando que toda pessoa que anda em retidão, faz o melhor que pode, sobrepuja e vence o mundo, eleva-se acima da carnalidade e caminha nas pegadas da justiça, terá seus atos e feitos selados e aprovados pelo Santo Espírito. Ele será, como Paulo o teria expressado, "... justificado... pelo Espírito..." (V. 1 Coríntios 6:11.) Portanto, se um homem vai casar-se e deseja um casamento que dure uma semana, três semanas ou três meses, ou tanto quanto costumam durar os casamentos no mundo de hoje, ou mesmo "Até que a morte vos separe", poderá fazê-lo dentro dos limites estabelecidos, de acordo com o poder do homem; essa é sua prerrogativa, devido ao arbítrio que o Senhor lhe deu. Mas, se desejar uma esposa que será sua nas esferas do além, é melhor encontrar quem tenha poder para ligar na terra e selar nos céus.

A fim de conseguir um casamento correto, é preciso: primeiro, desejar e buscar um casamento celestial — encontrar a ordenança correta; segundo, procurar um administrador legal, alguém que tenha o poder selador — e tal poder é exercido somente nos templos que o Senhor manda construir com o dízimo e o sacrifício de seu povo em nossos dias; e, terceiro, viver em retidão, justiça, integridade, virtude e moralidade, o que qualifica a pessoa a ter o Santo Espírito de Deus para ratificar, selar, justificar e aprovar; e, neste caso, o casamento estará selado pelo Santo Espírito da promessa para o tempo e na eternidade.

Assim, nós, santos dos últimos dias, lutamos, trabalhamos e nos empenhamos em ser dignos de obter uma recomendação para o templo, pois que o espírito não habita em tabernáculos impuros. Lutamos e trabalhamos para conseguir que nossos tabernáculos sejam limpos, puros, refinados e desenvolvidos, para termos o Espírito como nosso companheiro; e quando chegamos a essa condição, nosso bispo e o presidente de estaca nos dão uma "recomendação" para entrar no templo. Lá fazemos solenes e sérios convênios, e após tê-los feito, lutamos, trabalhamos e nos empenhamos com todo nosso poder para continuar na luz do Espírito, a fim de que o acordo feito não seja rompido. Se assim fizermos, teremos certeza da vida eterna. Não precisamos temer ou tremer; não precisamos ter ansiedade ou preocupar-nos, se estivermos lutando, trabalhando e nos empenhando com toda nossa capacidade. Embora não nos tornemos perfeitos, embora não sobrepujemos todas as coisas, se nossos corações tentarem sincera e honestamente seguir o curso para a vida eterna, nosso casamento continuará nas esferas do porvir. Chegaremos ao paraíso de Deus e lá seremos marido e mulher. Teremos ressurreição e nela seremos marido e mulher.

Qualquer que surgir na ressurreição na condição de casado, tem garantia absoluta de vida eterna, mas ainda não será possuidor e herdeiro de todas as coisas — ainda resta grande progresso a ser feito após a morte e depois da ressurreição. Mas a pessoa estará no caminho através do qual prosseguirá nos processos de preparação e aprendizagem, até que conheça

todas as coisas e se torne como Deus, nosso Pai Celestial, herdando, assim, a vida eterna.

De certa forma temos, aqui e agora, famílias em estado probatório, mesmo que ãos tenhamos casado no templo, uma vez que nosso matrimônio é condicional. Ele depende de nosso subsequente cumprimento das leis, dos termos e condições do convênio que fazemos. E assim, quando me caso no templo, sou colocado numa

nos de herdar, possuir e receber de acordo com a linha hierárquica.

Falo agora àqueles que têm oportunidade de viver a lei. Qualquer que tem tal oportunidade, deve fazê-lo; isto é obrigatório. Estou perfeitamente ciente de que existem pessoas que não tiveram essa oportunidade, mas que a teriam aproveitado, se lhes fosse oferecida; e tais pessoas serão julgadas de acordo com os intentos e desejos de seus corações. Este



“Ensino-lhes princípios corretos e eles governam-se a si mesmos.”

Profeta Joseph Smith

posição em que posso lutar, trabalhar e aprender a amar minha esposa com a perfeição que deve existir, se pretendo ter uma plenitude de glória relativa a esse convênio na eternidade, e isso coloca minha esposa em posição de aprender a me amar da mesma forma. Coloca-nos em posição de criar nossos filhos na luz e verdade, e de ensiná-los e prepará-los para serem membros de uma unidade familiar eterna; e, como filhos, coloca-nos em posição de honrar nossos pais e fazer o que for necessário para termos esses laços eternos ampliando-se de geração em geração. Finalmente, haverá uma grande cadeia patriarcal de seres exaltados desde Adão até o último dos homens, sendo que os elos perdidos serão os indivíduos não qualificados e dig-

é o princípio de salvação e exaltação dos mortos.

Falei somente em termos gerais; deliberadamente não fui específico. Meu objetivo foi apresentar princípios verdadeiros, conforme indicou o Profeta Joseph Smith nesta declaração: “Ensino-lhes princípios corretos e eles governam-se a si mesmos.” Pretendo apresentar o conceito geral envolvido, com a esperança de que, após vê-lo diante de nós, cada um determinará, de per si, o rumo a seguir individualmente, a fim de obter as recompensas indicadas.

Penso que o mais nobre conceito que pode adentrar o coração do homem é o fato de que a unidade familiar continua na eternidade. Não é possível cogitar em conceito mais glorioso do que este — edi-

ficado, é claro, sobre o alicerce do sacrifício expiatório do Senhor Jesus. O casamento celestial é algo que abre a porta para a vida eterna no reino de nosso Pai. Se conseguirmos passar pelas experiências probatórias que prevalecem e existem na unidade familiar, o Senhor algum dia nos dirá: "Bem está, servo bom e fiel... entra no gozo do teu Senhor." (Mateus 25:21.)

As coisas de que falamos aqui são verdadeiras. Esta é a glória, beleza e maravilha de tudo o que se relaciona à religião revelada que temos — é a verdade. Não há fato mais glorioso ligado a nossa religião revelada, que o simples fato de ser verdade; e, uma vez que é a verdade, as doutrinas que ensinamos são verdadeiras; e, porque são verdadeiras, elas nos dão paz, alegria e felicidade nesta vida. Permitem que eliminemos o engodo, maus hábitos, males e iniquidades do mundo; concedem-nos poder para revestir-nos de Cristo e da glória e beleza da religião

pura, a fim de nos tornarmos novas criaturas mediante o Espírito Santo. É uma coisa maravilhosa, quase inacreditável pertencer a uma Igreja que é verdadeira, alicerçada na firmeza da verdade eterna.

Espero, ao prestar-vos testemunho da veracidade e divindade desta obra, que minhas palavras simplesmente ecoem o sentimento de vossos corações. Sei com toda certeza que Deus falou em nossos dias, que Jesus é o Senhor, que ele realizou o sacrifício expiatório eterno e infinito, que o Senhor estabeleceu seu reino pela última vez entre os homens, que Spencer W. Kimball é neste momento o profeta, revelador e oráculo do Todo-Poderoso na terra, e que esta Igreja, fraca, lutadora e humilde como é agora, crescerá e progredirá até que o conhecimento de Deus cubra a terra, como as águas cobrem o mar. Nosso destino é encher a terra, porque estamos alicerçados na firmeza da verdade eterna.

Um lar SUD deve ser um refúgio para o qual os membros da família possam voltar para renovação do espírito, da mente e do corpo.

Nada existe nos ensinamentos do Evangelho que declare o homem superior à mulher.

Não fazer nada é o mais duro dos trabalhos, porque nunca se pode parar para descansar.

Para os santos dos últimos dias expulsos do norte do Missouri pelas turbas, 1839 foi um ano de novos inícios. O massacre de Haun's Mill, Missouri, em outubro do ano anterior, não seria esquecido tão cedo. Tampouco a perda de lares e propriedades e o brutal tratamento que os santos receberam, justificaria a ordem de expulsão do governador, que parecia sancionada por esses atos. O êxodo através do Rio Mississipi, até Illinois, naquele inverno, inaugurou um novo período na história da Igreja.

O Profeta Joseph Smith atingiria o pináculo de sua carreira pública, mas os anos em Nauvoo terminariam em tragédia.

Um comitê de sete membros, formado em janeiro, supervisionou a migração a partir de Far West, Missouri. Alguns exilados desceram o Rio Missouri de barco, até a cidade de St. Louis, no mesmo estado; mas a maioria viajou 240 quilômetros na direção leste até a fronteira do estado, em caravanas de carroções, carrinhos de duas rodas ou a pé. A família de Levi Hancock era, talvez, um exemplo

A COLIGAÇÃO EM NAUVOO

1839-45

Glen M. Leonard



típico. Construíram uma carroça para ser puxada a cavalo, encheram-na de milho e partiram de Far West pela neve, com poucas roupas e lençóis, e nenhum utensílio doméstico. Comendo milho assado, casca de olmo e ervas, e dormindo ao relento, a família continuou até o rio, e o atravessou de madrugada, certo dia de janeiro, antes de o gelo se partir. Assim como muitos dos santos, a família Hancock refugiou-se na cidade de Quincy, Illinois. Nesse lugar, cidadãos bondosos organizaram um comitê de recepção, para ajudar os refugiados.

Mas os santos não poderiam permanecer em Quincy, e alguns chegaram a pensar se valeria a pena tentar continuar juntos como uma comunidade. Brigham Young propôs que se organizassem em grupos de emigração, e Joseph Smith escreveu da Cadeia de Liberty, Missouri, aconselhando os santos a procurarem um lugar seguro de refúgio. Assim, foi indicado um comitê para escolher um novo núcleo central de habitação. Escolheram um lugar chamado Commerce, em Illinois, na curva do Rio Mississippi; e quando se reuniu aos santos naquela primavera, o Profeta chamou-o de Nauvoo. Foram adquiridas terras do outro lado do rio, no Condado de Lee, em Iowa, onde os santos fundaram um povoado chamado Zarahemla.

Nauvoo era pantanosa e insalubre. Tão logo os santos começaram a estabelecer-se, foram acometidos de malária. "Foi uma época de muita doença", disse Wilford Woodruff. "Joseph havia deixado sua casa em Commerce, para os doentes, e armara uma tenda em frente a sua porta e lá vivia." Durante esse período de sofrimento, o Profeta invocou o poder do sacerdócio e andou por entre os doentes, de ambos os lados do rio, curando muitos deles.

No verão seguinte, a epidemia aumentou, e muitos morreram. Em 1841, Sidney Rigdon fez um "sermão fúnebre geral"

pelos falecidos, enquanto os trabalhadores tentavam, às pressas, drenar o pântano, no esforço de controlar a avassaladora moléstia.

Um novo tipo de imigrante SUD chegou a Nauvoo em 1840. No dia 6 de junho, quarenta santos ingleses partiram de Liverpool, Inglaterra. Eram os primeiros santos da Europa, e os primeiros de quase cinco mil membros da Igreja na Inglaterra a viajarem de navio para os Estados Unidos, durante o período de Nauvoo.

A chegada de novos membros da Inglaterra resultou primordialmente de uma missão especial do Conselho dos Doze, chamado por revelação em julho de 1838 a pregar o evangelho na Europa. Oito dos apóstolos, os élderes Brigham Young, Heber C. Kimball, Parley P. Pratt, Orson Pratt, John E. Page, John Taylor, Wilford Woodruff e George A. Smith, partiram em missão no verão seguinte. Alguns estavam seriamente doentes; e todos deixaram a família à míngua para atenderem a este chamado do Senhor.

Os primeiros desse grupo que chegaram à Inglaterra foram os élderes John Taylor e Wilford Woodruff, que aportaram em Liverpool em 11 de janeiro de 1840. Começaram imediatamente o trabalho, e o Élder Woodruff tornou-se um dos missionários mais produtivos da história da Igreja. Pregou inicialmente em Staffordshire Potteries, trabalhando com os membros entre os amigos destes. Um membro que ajudou muito o Élder Woodruff, foi William Benbow, que sem dúvida contou ao apóstolo a respeito de seu irmão, John Benbow, rico fazendeiro de Herefordshire, o qual se unira aos Irmãos Unidos em sua busca do evangelho primitivo. Em princípios de março, o Élder Woodruff escrevia em seu diário: "O Senhor advertiu-me que fosse para o sul." Imediatamente, ele e seu anfitrião foram até a casa de John Benbow, onde o evangelho foi pregado à família e depois a

centenas de sequiosos ouvintes. Somente nessa área, o Élder Woodruff batizou 158 conversos dentro de um mês.

Outros missionários foram igualmente bem sucedidos. A congregação de 1.500 membros existente nas Ilhas Britânicas, em janeiro de 1840, elevava-se para 5.814, quando os apóstolos retornaram aos Estados Unidos, quinze meses depois. Além do proselitismo, os Doze publicaram uma edição do Livro de Mórmon, um hinário, fundaram um periódico mensal, "*The Latter-day Saints' Millennial Star*", que serviu aos santos britânicos durante 130 anos.

Uma importante iniciativa dos apóstolos na Inglaterra foi promover a emigração. Estabeleceram um sistema organizado e incentivaram os mais abastados a auxiliarem os carentes. Desde seu início, em 1840 até o dia em que a ordem de coligação foi substituída pelo conselho de permanecerem e edificarem a Igreja em sua terra natal, estima-se que 51.000 santos europeus, incluindo 38.000 da Inglaterra, atravessaram o oceano Atlântico em direção à sede da Igreja.

A obra missionária durante o período de Nauvoo centralizou-se na Grã-Bretanha, sudeste do Canadá e nos Estados Unidos. Durante esse período, também foram dados os primeiros passos em direção a outras áreas do mundo, com as primeiras visitas à Austrália, Índia, Jamaica, América do Sul e Alemanha. O trabalho nessas áreas era limitado, resultando em algumas conversões esparsas. A maior expansão da obra ficaria para uma geração futura.

Uma das missões especiais mais significativas foi o chamado de Orson Hyde, durante a conferência de abril de 1840, para dedicar a Palestina à coligação dos judeus. Na manhã de domingo, 24 de outubro de 1841, o Élder Hyde pronunciou uma oração dedicatória em Jerusalém, pedindo ao Senhor que tornasse fértil a terra estéril, como lugar de coligação para

os judeus. A oração também preconizava a reconstrução de Jerusalém, a criação do estado judeu e a edificação de um templo.

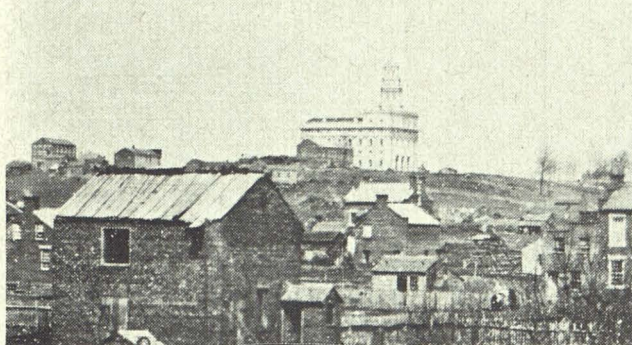
Os santos ingleses que chegaram à região agreste e inculta do Illinois encontraram uma terra de oportunidades econômicas. Para fazê-la atingir seu potencial, era preciso trabalho árduo, e muitos imigrantes enfrentaram privações e doenças. Embora outras comunidades SUD se desenvolvessem alhures, no Condado de Hancock, Illinois, regiões circunvizinhas, e também do outro lado do rio, em Iowa, Nauvoo era o núcleo central.

Joseph Smith requereu e obteve da legislatura de Illinois permissão, autorizando os santos a estabelecerem um governo municipal para Nauvoo, outra permissão para uma universidade e uma terceira para a milícia municipal. O governo da cidade era semelhante ao das demais municipalidades autorizadas em Illinois. Em fevereiro de 1841, John C. Bennett, ex-líder de milícia em Illinois e recém-convertido à Igreja, foi eleito primeiro prefeito. Com a ajuda de Bennett, os santos conseguiram a permissão, e com sua assistência, a Legião de Nauvoo tornou-se um ativo grupo de milícia, com cerca de três mil homens. Ela existia para auto-proteção e como sinal de lealdade e patriotismo mórmon ao estado e ao país. A Universidade da Cidade de Nauvoo, tendo Bennett como secretário-geral, nunca chegou a ter uma sede e "campus", mas promoveu aulas em Nauvoo, ministradas por Orson Pratt, Orson Spencer e Sidney Rigdon. A universidade também supervisionava as escolas primárias públicas, e tornou-se o modelo para a Universidade de Deseret (atual Universidade de Utah), cujo funcionamento foi aprovado em 28 de fevereiro de 1850 na Cidade de Lago Salgado.

Nauvoo tornou-se uma próspera cidade de dez mil habitantes, competindo em tamanho com Chicago. Grande parte de seu crescimento econômico deveu-se às

construções e à agricultura. Os moradores desejavam desenvolver a indústria e o comércio, mas os empreendimentos imobiliários, compra e venda de terrenos e construção de casas e pequenas lojas eram a principal atividade de Nauvoo. A cidade tinha suas próprias serrarias, pedreiras, marcenarias, carpintarias e dependências para os demais artesãos. Depois de 1842, muitas das primeiras casas de toras de madeira foram substituídas por finas residências de tijolos, que ainda existem, como evidência do compromisso SUD com a excelência.

dentro das estacas. Antes disso, os Doze tinham jurisdição apenas sobre as missões, mas “tinha chegado a hora”, disse o Profeta, “de chamar os Doze para ocuparem seu lugar logo após a Primeira Presidência.” (H.C. 4: 403; v. Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, p. 185.) Com essa ampliação da responsabilidade, os Doze ajudaram no estabelecimento dos novos imigrantes em Nauvoo, tornaram-se consultores e supervisores nas atividades cívicas e eclesiásticas, auxiliaram no chamado de missionários, publicaram o periódico *Times and Seasons* (fundado em



Daguerreótipo do Templo de Nauvoo.

Os endowments do templo começaram a ser ministrados no Templo de Nauvoo quase terminado, no dia 11 de dezembro de 1845. Esta obra sagrada prosseguiu ininterruptamente, até que mais de cinco mil membros houvessem participado das cerimônias antes do êxodo, em princípios de 1846.

O desenvolvimento alcançado, em termos de organização e doutrina da Igreja, em Nauvoo, foi de especial importância. À medida que outros povoados se desenvolviam na circunvizinhança de Nauvoo, foram sendo estabelecidas estacas para cuidarem das necessidades temporais e espirituais dos membros. Em Nauvoo, surgiram subdivisões da estaca, denominadas alas. Eram divisões que permitiam aos bispos da Igreja administrar os assuntos financeiros e de bem-estar; mas a ala não se tornou uma unidade administrativa de certa autonomia, senão no fim da década de 1840, após a emigração para Utah.

Importante para o governo da Igreja foi também o anúncio feito por Joseph Smith, a 16 de agosto de 1841, dando ao Conselho dos Doze responsabilidade administrativa quanto aos negócios da Igreja

Nauvoo em 1839), e participaram do processo eclesiástico de tomada de decisões.

Grande parte da vida religiosa de Nauvoo centralizava-se no serviço de adoração matutina aos domingos. Quando o tempo estava bom, os santos reuniam-se nas encostas da colina junto ao terreno do templo, todos os domingos, às 10 horas da manhã, para uma reunião pública de pregação. Joseph Smith era, quase sempre, o orador principal. Nessas e em outras reuniões, o Profeta explicava as escrituras e apresentava muitas e importantes doutrinas de religião. Falava acerca da natureza da Deidade, da natureza eterna do homem e do relacionamento entre Deus e o homem. Tudo isso como parte da doutrina de salvação dos mortos, que o Profeta explicou, pela primeira vez, aos santos.

Batismos vicários foram realizados no Rio Mississipi a partir de setembro de

1840, e continuaram por mais de um ano, até que ficasse pronta e fosse dedicada a pia batismal no subsolo do Templo de Nauvoo, em novembro de 1841. Outras ordenanças do templo, o endowment e o casamento eterno, eram realizados em número restrito, numa sala especial, no segundo andar do armazém feito de tijolos vermelhos, de propriedade do Profeta. O endowment foi apresentado em maio de 1842 a um pequeno grupo, e a outros, antes da morte do Profeta. Os santos, de boa vontade, dedicaram seu tempo e recursos para o término da construção do templo, de sorte que todos os que fossem dignos pudessem receber as bênçãos. Os endowments começaram a ser ministrados no templo quase terminado, no dia 11 de dezembro de 1845. Esta obra sagrada prosseguiu ininterruptamente, até que mais de cinco mil membros houvesse participado das cerimônias, antes do êxodo em princípios de 1846.

A revelação sobre o casamento, recebida anteriormente, mas escrita pela primeira vez pelo Profeta a 12 de julho de 1843, implantou o princípio de selamento pela autoridade do sacerdócio. A mesma revelação explicava as circunstâncias segundo as quais o casamento plural seria permitido sob a direção do sacerdócio. Em virtude da natureza controversa desse princípio, o Profeta ensinou-o, de início, a somente uns poucos de seus associados mais íntimos. A evidência histórica sugere que ele já compreendia o princípio desde o início de 1831, enquanto trabalhava na revisão inspirada da Bíblia, em Kirtland.

Ao regressarem da Inglaterra, os Doze foram ensinados a respeito da doutrina. Todos sentiram dificuldades em aceitá-la, mas alguns tiveram outras esposas seladas a eles, em Nauvoo. A prática permaneceu confidencial até 1852, quando Orson Pratt pronunciou seu primeiro discurso público sobre o assunto, e deu ao mundo a primeira explicação sobre essa parte do princípio sagrado do casamento eterno. O

casamento plural prosseguiu dentro da Igreja até o Presidente Wilford Woodruff emitir seu Manifesto inspirado, abolindo a prática em 1890. (V. A Liahona, dezembro de 1978, "Somos Guiados por Revelação", pp. 14-19.)

Os apóstatas, especialmente, tentaram desacreditar a Igreja por causa do casamento plural, quando rumores de sua prática circularam em Nauvoo. Acusaram os líderes da Igreja de adultério, o que Joseph Smith negou justificadamente. Os ensinamentos da Igreja, na verdade, colocavam a mulher em posição muito mais elevada do que ela ocupava no século dezenove. Homens e mulheres aceitaram o casamento plural apenas por estarem convencidos de que era um princípio religioso aprovado pelos céus, um princípio que reforçava a insistência SUD com respeito a um padrão elevado de vida moral para todos os membros.

As mulheres da Igreja eram incentivadas a corrigir o comportamento moral e a fortalecer os padrões de virtude da comunidade. Esta foi, de fato, uma das responsabilidades específicas dadas por Joseph Smith, ao organizar a Sociedade de Socorro das Mulheres de Nauvoo, a 17 de março de 1842. Ele também aconselhou as irmãs a "incitar os irmãos às boas obras, cuidando dos pobres, buscando os necessitados e administrando-lhes." (Atas, 17 de março de 1842, Departamento Histórico.) A Sociedade de Socorro, tendo Emma Smith como presidente, voltou-se primeiramente ao que havia contribuído para a fundação da sociedade: a confecção de camisas para os operários da construção do templo. A sociedade matriculou mais de 1.300 membros em Nauvoo, para ajudar nesse serviço caritativo. A organização reuniu-se regularmente até 1844. Posteriormente, foi reativada no vale do Lago Salgado, com o compromisso renovado de servir aos necessitados e ajudar as mulheres a serem excelentes em seus diversos papéis na sociedade.

Se, por um lado, o desenvolvimento religioso e econômico em Nauvoo deu aos santos a esperança de um futuro pacífico, os acontecimentos políticos logo alteraram seu relacionamento amigável com os outros habitantes do oeste de Illinois. Joseph Smith e outros membros da liderança da Igreja participavam ativamente do governo local, com o intuito de proteger os interesses dos santos e de prevenir, se possível, importunações legais, como no Missouri. Por volta de 1842, a população mórmon de Nauvoo era preponderante no Condado de Hancock, e os santos dos últimos dias ganhavam influência cada vez maior na política local do vizinho Condado de Adams.

Essa força política fez com que os antigos residentes temessem por seu próprio domínio político. Pelo modo de votar, os santos geralmente podiam determinar o vencedor entre os dois partidos políticos vigentes, nas eleições locais.

A fim de enfrentar essa possibilidade, um grupo pequeno porém insistente de não-mórmons fundou uma facção anti-mórmon para combater os candidatos apoiados pelos mórmons. Thomas Sharp, do jornal *Warsaw Signal*, expressava o ressentimento dos anti-mórmons. Quando os democratas conseguiram maioria na legislatura estadual de Illinois, com apoio mórmon, foram denunciados pelos jornais da oposição. E quando William Smith, irmão do Profeta, derrotou Sharp numa eleição, em 1842, na luta por uma cadeira na câmara de Illinois, os editoriais hostis de Sharp clamavam o extermínio ou expulsão dos mórmons do Estado de Illinois.

Durante essa mesma época, as autoridades do Missouri tentaram extraditar Joseph Smith e cinco outros como fugitivos da Justiça, renovando as velhas acusações lançadas contra o Profeta, enquanto vivia em Far West, Missouri. Então, quando alguém tentou assassinar o governador Lilburn W. Boggs, do Missouri, em

maio de 1842, Joseph Smith foi acusado de cumplicidade nesse crime. Um jornal de Illinois declarou que o Profeta predissera o atentado um ano antes, mas Joseph negou prontamente qualquer participação no caso.

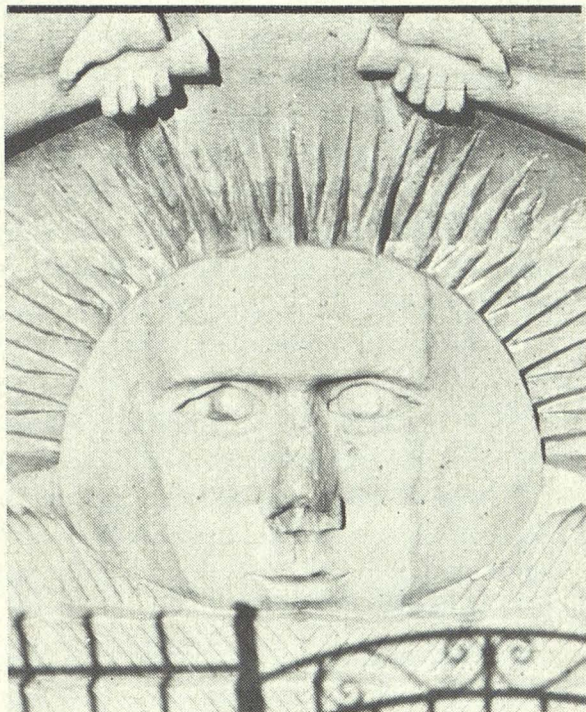
Trabalhando contra o Profeta em todas estas tentativas, estava John C. Bennett, o primeiro prefeito de Nauvoo, secretário geral da universidade e general-de-divisão da Legião de Nauvoo. Em maio de 1842, Joseph descobriu que Bennett planejava seu assassinato durante uma manobra e parada da Legião de Nauvoo. Os guardacostas frustraram o plano, e dez dias depois, Bennett renunciava como prefeito. No mês seguinte, Bennett confessou sua conduta imoral e foi excomungado. Partiu de Nauvoo e iniciou a publicação de um libelo, acusando os líderes mórmons de ameaçarem sua vida, de lesarem os habitantes da cidade na venda de imóveis, de imoralidade e intrigas políticas. Esses relatos escandalosos provocaram muitas reações desfavoráveis. Os líderes da Igreja publicaram uma extensa análise do assunto e enviaram missionários especiais aos povoados vizinhos para corrigir a informação desvirtuada.

Seguiram-se ameaças, umas após outra, e nesse meio tempo, o Profeta procurou meios de proteger sua vida e a dos santos. Durante essa época, Joseph Smith estudou a possibilidade da expansão de locais de coligação e do movimento migratório para os Estados Unidos. Em 1842, considerou seriamente a possibilidade de utilizar as Montanhas Rochosas como lugar de refúgio. Em agosto de 1843, chegou a enviar um pequeno grupo de exploradores para examinar as terras a oeste do Território de Iowa. No mês de fevereiro do ano seguinte, fez os planos de uma expedição de voluntários para a Califórnia, e considerou uma proposta de colonização mórmon no sudoeste do Texas.

Para estudar o projeto do Texas, organizou "um departamento municipal do

Reino”, conhecido como Conselho Geral ou Conselho dos Cinquenta. Tratava-se de um comitê secular de cerca de cinquenta homens designados para aliviar a Primeira Presidência e os Doze de muitos deveres temporais, para trabalhar junto ao Congresso no sentido de assegurar os direitos civis dos mórmons, e para encontrar locais propícios para fundação de povoados.

O Conselho dos Cinquenta patrocinou e apoiou Joseph Smith como candidato à presidência dos Estados Unidos em 1844, dirigindo sua campanha. Ele lançou sua candidatura baseada em uma plataforma



Pedra do Sol do Templo de Nauvoo, uma das poucas pedras remanescentes depois da destruição do edifício pelo fogo em 1848, e seu arrasamento por um furacão em 1850.

**Haviam assassinado o Profeta,
na crença de que sua morte
significaria o fim do
mormonismo. Mas os membros
da Igreja . . . lançaram-se . . .
à tarefa de levar a cabo
a sagrada missão que apenas
havam começado.**

de união que combinava idéias populares de ambos os partidos nacionais. O Profeta esperava oferecer aos eleitores americanos uma presidência acima da política, e esboçou seus pontos de vista num folheto intitulado: “*Visão dos Poderes e da Política do Governo dos Estados Unidos*”, escrito com o auxílio de William W. Phelps.

Embora Joseph concorresse à eleição como cidadão com esse direito, sem o patrocínio da Igreja, todo o maquinismo governamental da Igreja trabalhou em prol de sua eleição. Os oradores da conferência de abril endossaram a candidatura, e trezentos voluntários concordaram em fazer campanha ativa através do país. Sidney Rigdon, primeiro conselheiro na Primeira Presidência, foi apoiado como candidato à vice-presidência, pelo partido conhecido como Partido da Reforma Nacional. O partido marcou sua convenção nacional para meados de julho de 1844, em Baltimore, Maryland, mas essa reunião jamais se realizou. As intrigas de John C. Bennett e sua cooperação com outros oponentes do Profeta em Illinois, interromperam a busca de refúgio político e religioso de Joseph Smith, e encerraram sua breve carreira pelo martírio.

No dia 7 de junho de 1844, um grupo de dissidentes, incluindo vários membros eminentes da Igreja, que haviam apostado, publicou o primeiro número do “*Nauvoo Expositor*”. Esse jornal denunciava Joseph Smith como “profeta decaído”, um demagogo político, vilão imoral e vigarista. Acusava o mormonismo de promover tais atividades, maldizendo também outras pessoas. Vários membros do Conselho da Cidade de Nauvoo eram atacados pelo periódico, bem como o novo prefeito, Joseph Smith. Depois de alentada discussão, o conselho decidiu que o jornal maledicente violava as leis de atos públicos. Votaram pelo fechamento do jornal antes que ele incitasse turbas contra os mórmons. Destarte, o delegado

municipal destruiu a redação, empastelou os tipos e queimou os exemplares ainda existentes.

Os donos do jornal acusaram o Conselho da cidade de fomentar arruaça (muito embora a destruição das instalações tenha sido feita de modo muito ordeiro.) Os membros do Conselho foram detidos e processados, sendo posteriormente inocentados. Mas, antes que as sentenças fossem proferidas, jornais anti-mórmons fizeram tal agitação, que Joseph Smith mobilizou a Legião de Nauvoo e colocou a cidade sob lei marcial. O governador Thomas Ford, de Illinois, foi informado das controvertidas ações e dispôs-se a investigar pessoalmente. Obteve promessas de que ambos os lados observariam estritamente a legalidade e a não-violência. Ford viajou para Carthage, Illinois, onde se localizava o tribunal do condado, a fim de dirigir as negociações entre os dois partidos opostos, e decidiu que um julgamento seria a melhor solução.

Os quinze homens citados na acusação de agitação e desordem apresentaram-se em Carthage no dia 25 de junho, onde um juiz de paz os pôs em liberdade para aguardar julgamento. Mais tarde, naquela noite, Joseph e Hyrum Smith foram detidos mediante um mandado que os acusava de "traição", por haverem declarado a lei marcial em Nauvoo. Nenhuma audiência foi realizada, e ambos foram presos na Cadeia de Carthage. John Taylor, Willard Richards e outros acompanharam-nos à prisão.

No dia 26 de junho, o Governador Ford visitou o Profeta na prisão e satisfez-se pelo fato de o Conselho da cidade ter acionado e mobilizado a Legião, visando a salvaguarda dos procedimentos legais. Ford deixou duas companhias da milícia local, os "Carthage Greys", hostis aos mórmons, guardando a cadeia. Embora promettesse que levaria os prisioneiros consigo caso fosse visitar Nauvoo, ignorou

sua promessa e partiu em direção à cidade dos santos na manhã do dia 27 de junho.

Em Carthage, no dia 27 de junho de 1844, um grupo de homens cobriu o rosto com lama e pólvora, invadiu a cadeia e rapidamente forçou a rendição dos guardas, que não ofereceram resistência, pois, de antemão, já haviam concordado em depor suas armas sem violência. A turba galgou as escadas, dirigindo-se ao dormitório do carcereiro, onde esperavam os quatro líderes SUD. Tiros trespassaram a fina porta do quarto. Hyrum Smith foi o primeiro a tombar, ferido mortalmente, John Taylor foi atingido por tiros vindos da porta e do lado de fora, pela janela. Seriamente ferido, rolou para debaixo de uma cama, buscando proteção. Joseph Smith correu para a janela. Recebeu duas balas vindas da porta aberta, e uma outra do lado de fora da janela. Foi atingido por uma quarta bala, enquanto se lançava pela janela. Os atacantes apressaram-se em ir à rua, para certificarem-se de que o Profeta estava morto, deixando Willard Richards, ainda atrás da porta, sem um ferimento sequer. Alguém gritou que se aproximava um grupo de mórmons, legalmente armados. O rumor era falso, mas a turba fugiu.

Haviam assassinado o Profeta, na crença de que sua morte significaria o fim do mormonismo. Mas os membros da Igreja consideraram Joseph Smith e seu irmão, Hyrum, o patriarca da Igreja, mártires da causa do Senhor. Os membros fiéis reafirmaram sua crença no triunfo final da obra dos últimos dias, restaurada pelo Profeta. Joseph Smith elevava-se da obscuridade ao renome nacional, e os santos acreditaram que seu nome "... seria conhecido por bem ou por mal entre todas as nações..." (J.S. 2:33), como prometera Morôni. Lançaram-se, então, à tarefa de levar a cabo a sagrada missão que apenas havia começado.

Cronologia da História da Igreja e do Mundo

Igreja

Mundo

1832 Organização da Primeira Presidência

1833 Expulsão do Condado de Jackson, Missouri

1835 Organizados o Conselho dos Doze e o Primeiro Quorum dos Setenta

1836 Dedicção do Templo de Kirtland. (Aparições de Cristo, Moisés, Elaías, Elias)

1837 Os primeiros missionários são enviados às Ilhas Britânicas

1839 Os mórmons se estabelecem em Nauvoo, Illinois

1841 Orson Hyde dedica a Palestina para o retorno e coligação dos judeus

1842 Organização da Sociedade de Socorro

1844 Martírio de Joseph e Hyrum Smith

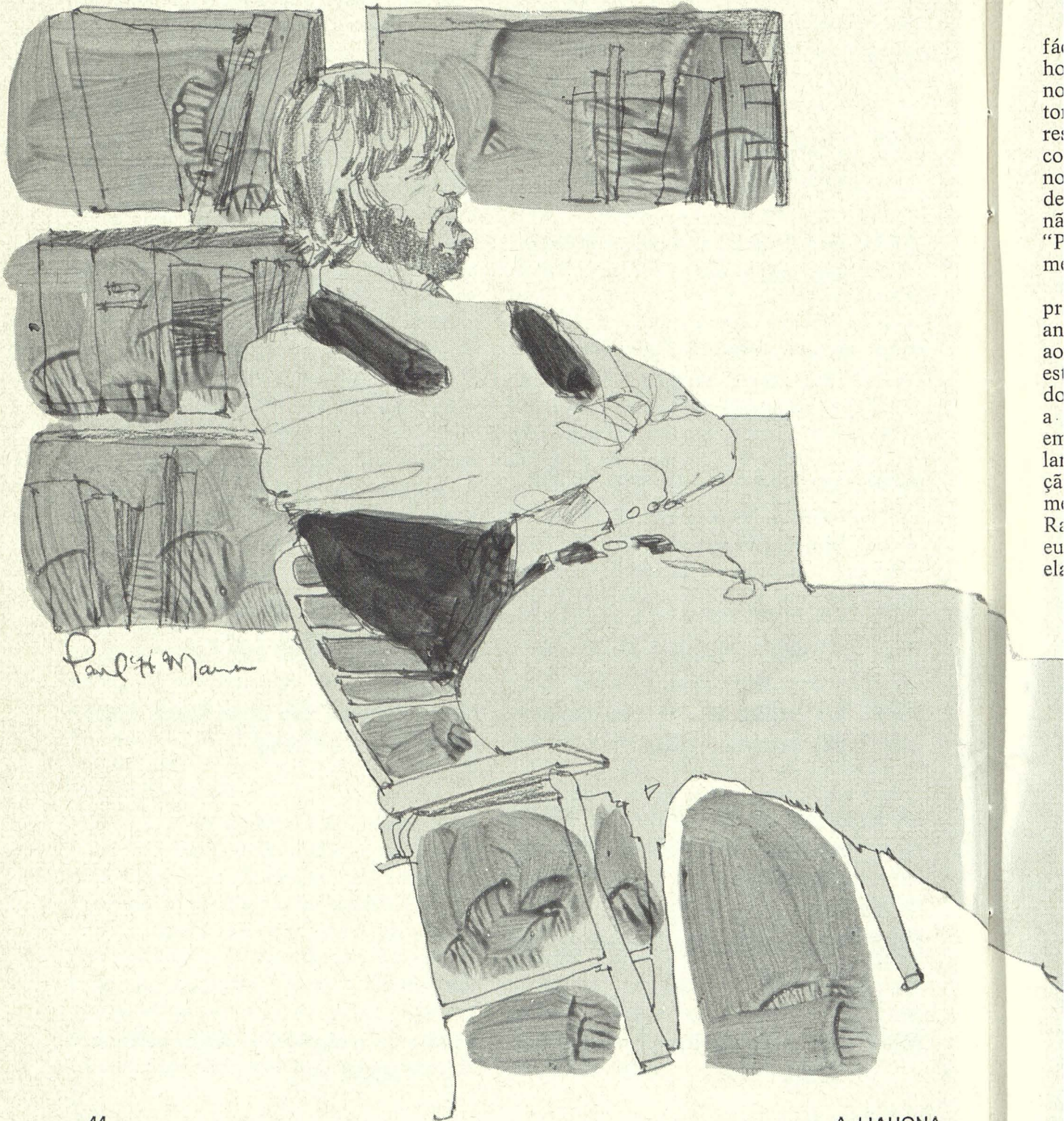
1837 Pânico econômico e financeiro nos Estados Unidos

1839 Guerra do ópio entre Inglaterra e China
1842

1844 O telégrafo é usado pela primeira vez

E. D. Telford

RELIGIÃO, REBELIÃO E REBECA



Paul H. Mann

est
lêr
un

fã
ho
no
to:
re:
co
no
de
nã
"P
mo

pr
an
ao
est
do
a
em
lar
çã
me
Rã
eu
ela

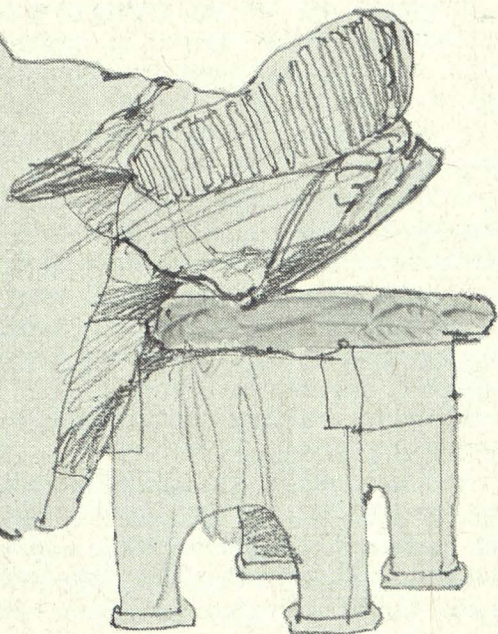
JU

Eu não conseguia concentrar-me. A biblioteca parecia um enxame de abelhas defendendo-se de ataques à colmeia. Em minha irritação, esqueci momentaneamente o motivo por que estava estudando ali, em vez de aproveitar o silêncio e a concentração da biblioteca da universidade.

Daí, o motivo passou perto de mim.

Era a bibliotecária-assistente, e, fácil, fácil, era a garota mais bonita que jamais houve sobre a terra. O crachá com seu nome informava-me que era a Srta. Burton, mas isso é tudo o que eu sabia a seu respeito. Ela era o motivo que me havia conduzido à biblioteca nas últimas três noites, na esperança de uma oportunidade de descobrir o seu primeiro nome. E eu não havia conseguido nem mesmo um: "Psiu, você está na biblioteca", e muito menos um "alô."

Mas continuei voltando, esperando sempre que esta noite fosse melhor que as anteriores. Com entusiasmo zero, voltei aos meus livros, mas era-me impossível estudar. Botei a história americana de lado, cruzei os braços e fiquei admirando a Srta. Burton ocupadíssima, trabalhando em sua escrivaninha. Ocasionalmente, ela lançava um olhar furtivo em minha direção. Quando o fazia, eu sorria-lhe largamente e dava-lhe uma piscadela de olho. Rapidamente, ela escondia o rosto para eu não ver que corara, mas, ao menos, ela sabia que eu existia.



Admirava sua beleza e graça, mas estava igualmente impressionado por sua modéstia. Em vez de vestir um "jeans" todo desbotado e uma blusa vaporosa e transparente, tão típicos de minhas amigas, ela usava um vestido. E a barra chegava até os joelhos! Sua maquilagem era leve; de fato, a menos que se observasse de perto, não se podia dizer que estivesse maquilada. Seus longos cabelos adornavam-lhe a cabeça e os ombros, como véu. Suas roupas, atitudes e aparência, identificavam-na como uma dama!

Era até estranho que me sentisse tão atraído por ela, pois eu era exatamente o oposto. Meus cabelos e barba batiam-me nos ombros, vestia uma calça "jeans" mais do que desbotada, um colete "jeans" bordado e sandálias rotas; eu parecia o rei da rebelião — ela, o epítome da virtude e conformismo.

Eu tinha escolhido meu sistema de vida; ela devia ter o seu. Nossas diferenças levantaram-se qual barreira intransponível entre nós. Ultrapassar tal barreira significaria para mim cortar os cabelos e amoldar-me às convenções sociais. Não, eu não vestiria terno e gravata outra vez, nem mesmo por ela!

O lápis partiu-se de repente em minha mão. Por que eu estava tão irritado por causa de uma bibliotecária comportadinha? Porque havia algo em seus olhos, em seu sorriso, em todo o seu ser que me afetava terrivelmente; embora lutasse contra isso, sentia o mais vivo interesse pela Srta. Burton, sem mesmo saber ainda seu primeiro nome!

Fiquei imaginando se ela adotaria o meu estilo de vida. Ao vê-la de pé, recolocando livros numa estante perto de mim, tentei imaginá-la com a cabeleira toda frisada, mas foi em vão. Mesmo a Mona Lisa ficaria melhor assim do que a senhorita Burton!

Ela terminou de arrumar os livros e voltou para a escrivaninha. Ao passar perto de mim, afastei minha cadeira e pus-me de pé, com meus 1,93m de altura. Postei-me em atitude de atenção, ajeitei um chapéu faz-de-conta e sussurrei com certo volume: "Muito prazer, madame!" Fora um sussurro, mas minha voz saíra volumosa o bastante para ecoar por toda a biblioteca, fazendo-a ficar ruborizada. Uma gargalhada espocou em toda a bi-

blioteca e eu me sentei sorrindo abertamente.

Logo após voltar ao seu posto e a cor da face normalizar-se, uma menina sardenta, de provavelmente treze anos, abor-dou-a. Obviamente, não fizera a pergunta: "Onde eu encontro...?", porque a Srta. Burton olhou-a dentro dos olhos e colocou sua mão esguia sobre a mão roliça da menina. Escutei a palavra rebelião, enquanto ambas conversavam.

Discretamente, tratei de sentar-me a uma mesa mais perto da escrivania; eu estava interessado em saber o que a Srta. Burton tinha a dizer sobre o assunto. Disfarçando com uma revista aberta, recostei-me na cadeira plástica o quanto minha coragem permitia. Apurei os ouvidos, a fim de ouvir tudo o que diziam.

A menina falava: — Preciso de livros sobre rebelião, a fim de saber como agir quando passar para a nona série no ano que vem.

Comecei a rir, mas o tom sério da Srta. Burton convenceu-me de que ela não achava aquilo engraçado.

— E você acha que será diferente da maioria, caso não se rebele, certo?

— Lógico! Toda a gente se rebela! Assim como minha irmã: ela está agora à noite numa demonstração pacífica na universidade, porque o presidente não quer legalizar o uso da maconha no campus. E mamãe e papai estão sempre gritando com meu irmão para que corte o cabelo, e ele não vai cortá-lo, nem que fique do tamanho do dele." Eu podia sentir que ela apontava em minha direção.

Continuou: — Meu pai está em greve, e mamãe está sempre lutando no movimento de libertação feminina. Isso é rebelião também, não é?

Rugas de preocupação apareceram na testa antes lisa da Srta. Burton. Ela parecia pensar profundamente. Depois, falou:

— Quando nos rebelamos, tornamo-nos egoístas. Queremos fazer as coisas à nossa maneira, e se outros objetam, rebelamo-nos. É como ter um acesso de raiva. Recusamo-nos a ouvir o argumento do outro lado, porque poderá provar que estamos errados.

— É preciso coragem para fazer o que é certo, especialmente quando é mais fácil fazer o que está errado. Lembre-se disso: Os covardes se rebelam; homens e mulheres bravos e corajosos obedecem às

leis e fazem o que sabem ser o certo. Quando algo está errado, apesar disso, eles têm a coragem de falar contra o erro."

Senti-me irado, pessoalmente atacado pela garota pela qual começara a interessar-me. Com esforço, todavia, consegui dominar minhas emoções. Talvez ela não tivesse dito o que eu pensei ter ouvido. Mantive-me na escuta, para ver se ela esclareceria ou retrataria sua declaração de que os covardes se rebelam.

A menina estava confusa: — Então George Washington e Thomas Jefferson eram covardes? Eles rebelaram-se contra a Inglaterra, não se rebelaram?

— Não, querida, eles não eram covardes e também não se rebelaram contra os ingleses. Veja bem, a Grã-Bretanha não se estava comportando decentemente com os novos colonos americanos. Impôs-lhes pesados impostos, mas não lhes dava direito de se pronunciarem no governo. Não fosse por esse comportamento, não teria havido a Guerra da Independência.

Isto é loucura! Tentei levantar-me. Esquecera-me de que estava recostado e fui ao chão, derrubando os livros que estavam comigo. Antes de poder compreender o que acontecera, a Srta. Burton e metade das pessoas que se encontravam na biblioteca, estavam ao meu redor.

— Você... você se machucou? — gaguejou ela, sem querer, ao mesmo tempo que, rapidamente, observava toda a cena ao redor.

— Não, só um pouco chocado, — murmurei.

Enquanto eu me recompunha da queda, a Srta. Burton afastou os curiosos do local. Para minha surpresa, ela permaneceu.

— Eu disse algo que o surpreendesse? — perguntou.

— Certamente que sim! — disse eu, impulsivo e um pouco bruscamente. Imediatamente observei seu rosto, para ver se a tinha ofendido. Um pouco mais gentil, acrescentei: — Srta. Burton, você tem algumas idéias muito estranhas sobre rebelião!

Ela meneou a cabeça. Seu silêncio instou-me a continuar.

— Não entendo como você pode dizer que os rebeldes são covardes! E aí você diz que os precursores desta nação (os Estados Unidos da América) não se rebelaram contra a Inglaterra! Você — uma

bibliotecária! — Prudentemente, refreei-me para não dizer mais.

— Lamento se o ofendi... — sua voz apagou-se. Em nossa direção, vinha um homem de aparência muito curiosa, que parecia irmão gêmeo de Ichobod Crane.*

— É o bibliotecário-chefe! — sussurrou. Disse que falaria comigo mais tarde, e voltou rapidamente aos seus deveres na escrivaninha principal.

Sentar-me novamente foi uma experiência dolorosa, mas a idéia de conversar com a Srta. Burton após o encerramento do expediente da biblioteca serviu como anestésico local para minhas dores. Eu ponderava suas palavras: “Os covardes rebelam-se; homens e mulheres bravos e corajosos obedecem às leis...”

Ela está errada! argumentava para mim mesmo. Assim como todos os outros. É preciso coragem para ser diferente e rebelar-se contra os costumes da sociedade! Um covarde não ousaria ter cabelos compridos, nem fazer uma passeata diante dos edifícios governamentais! É preciso fortaleza para defender aquilo em que se acredita!

Um pensamento assomou-me à mente, perguntando-me: — Mas Dan, em que você acredita?

— Liberdade: — redargüi.

Novamente o sussurro: — Liberdade de regras, obrigações e compromissos?

Calei-me. Eu era incapaz de responder a esses quesitos de minha consciência. Sabia que não mostrara coragem ao rebelar-me; antes, havia escolhido o caminho mais fácil da fuga. O lar e a religião haviam sido muito rígidos. Eu queria diversão, fazer as coisas a meu modo, sem nada a me prender.

Lembrei-me de como papai ficara irritado. Mamãe chorara. Eu me odiava por fazê-los sofrer, mas ainda assim, era mais fácil suportar o desapontamento deles que as galhofas de meus amigos. Eu me afastara cada vez mais de minha família. Agia como se não me importasse, mas, lá no fundo, doía-me bastante.

“Os covardes se rebelam! Será que ela está certa?” perguntei em voz alta. Sorri e respirei longamente. Senti como se um fardo pesado estivesse sendo retirado de meus ombros cansados. Pela primeira vez em muitos anos, achei-me realmente livre.

Senti a presença de alguém junto a mim e voltei-me. A Srta. Burton sorria radiante.

— Parece que você teve uma interessante conversa consigo mesmo, — comentou.

— Tive mesmo, mas preferia ter uma com você!

Ela sorriu novamente.

— Poderia dar-lhe uma carona para casa? — perguntei.

— Moro a poucos quarteirões daqui, de modo que geralmente vou a pé. — Pausa. — Mas, se você quiser acompanhar-me a pé...

Respondi imediatamente à deixa, e logo estávamos na rua, desfrutando o frescor da clara noite de outono. Caminhamos em silêncio durante um ou dois minutos.

— Senhorita Burton, — falei afinal, — você tem um primeiro nome?

Ela riu-se. — Oh, sim, creio que sim. Antes de começar a trabalhar na biblioteca, as pessoas chamavam-me de Rebecca.

— Becky Burton! — disse eu, impulsivamente. — Que legal!

— Rebecca — não Becky. — E ficamos em silêncio. Então, como se para retomar o fio da meada, ela acrescentou: — Rebecca foi a esposa de Isaque, na Bíblia. Lembra-se?

Meneei a cabeça.

— Qual é o seu nome?

— Dan, — respondi.

— Daniel era um nome bíblico, também, — continuou ela. — Já leu a Bíblia?

— Alguns trechos, há muito tempo. — Na realidade, eu não havia planejado debater a Bíblia naquela noite.

— Sabe, Dan, se a biblioteca pegasse fogo, acho que o primeiro livro que eu salvaria seria esse! — Seus olhos brilhavam. A religião devia ser parte importante de sua vida.

Percebendo que eu não participava de seu entusiasmo, ela gaguejou, um tanto embaraçada: — Eu... eu acho que não deveria estar falando sobre a Bíblia agora. — Daí, quase infantilmente, perguntou-me: — Você é cristão?

Sua pergunta bateu à porta de meu passado — uma porta que eu havia ocultado cuidadosamente, bem no fundo de uma fenda de minhas memórias. A recordação, juntamente com um profundo sentimento de que não me dera conta, lá estavam como resposta...

O dia estava abrasador; minha irmã, Susie, e eu, aguardávamos impacientemente na frente da igreja, que papai nos apanhasse, após seu jogo semanal de gol-

fe. O suor ensopava-me as costas; as mechas louras de Susie estavam molhadas de suor, que lhe escorria pela testa. Lembro-me de haver olhado com certa inveja os meus amigos que saíam da igreja, acompanhados de seus pais. Eu desejava de todo o coração que mamãe e papai fossem conosco à igreja. Já havia até orado a respeito disso. Mas eles sempre se achavam muito ocupados ou muito cansados. Quando papai chegou para buscar-nos, eu já estava meio assado ao sol. E com raiva dele e de mamãe.

Mamãe ficara em casa, como sempre, fazendo o jantar. Sentamo-nos todos à mesa, como de costume, mas eu ainda ardia de raiva por dentro. Detesto espinafre, e, assim, em vez de me servir, passei a travessa para Susie. Instantaneamente, papai e mamãe desaprovaram com a cabeça e disseram-me: — Coma espinafre, Dan! É bom para você!

Aquilo enchera as medidas. Redargüi: — Por que vocês não vão à Igreja? É tão bom para vocês, como o espinafre para mim! Papai me deu um tapa, e mamãe saiu chorando da mesa. Saí correndo de casa, raivoso e ofendido.

— Se sou cristão, Rebecca? — perguntei, assim que voltei à realidade. —

Vamos dizer que eu costumava ser. — Ela percebeu a minha necessidade de silêncio.

Caminhamos pela alameda escura; apenas o som das folhas caídas, amassadas sob nossos pés, rompia o silêncio. Sentime tão só, no mundo escuro e frio. Mais que qualquer outra coisa, eu queria a amizade de Rebecca. Ela parecia ter tanta segurança, tanta paz de espírito. Eu queria fortalecer-me com sua força, aprender de sua sabedoria. Olhei para o chão, temeroso de encarar seus olhos cálidos.

— Rebecca, — sussurrei, mansamente, — o que é que a torna tão especial?

Eu poderia ter imaginado que ela diria ser sua crença na divindade; ela impressionava-me como uma garota profundamente religiosa. Fiquei pensando, então, qual seria sua religião, que a tornava tão sensível, terna e consciente.

Pressionei um pouco mais: — Qual é sua religião, Rebecca? Você é católica, protestante ou outra coisa?

Seus lábios esboçaram um sorriso. — Acho que estou na categoria 'outra coisa', Dan. Procuo a verdade, onde quer que possa encontrá-la. Descubro-a em alguns lugares bem incomuns. Mas não consigo parar de pensar em uma coisa. Haverá uma única religião, que contenha toda a verdade?

Sua pergunta aguilhoou-me profundamente. Seus olhos buscavam os meus, implorando. Eu olhei o vazio, distante — meu passado refulgia diante de mim. Silente, baixei a cabeça e orei. Havia anos que eu não fazia isso! Após um longo momento, fitei seu olhar.

— Rebecca, — comecei lentamente, — o que você sabe acerca da Igreja Mórmon?

* *Ichobod Crane* é o nome de um personagem alto e magro, de um romance de Washington Irving, autor americano, nascido em 1783 e falecido em 1859. A palavra *Ichobod* ou *Ichabod* significa "a glória se foi", ou "não há glória." Trata-se de expressão bíblica; o nome foi dado ao filho de Finéias e sua mulher, nascido após uma vitória dos filisteus sobre os israelitas, ocasião em que os primeiros levaram consigo a arca da aliança. V. 1 Samuel capítulo 4; para o nome *Icabô*, ver o versículo 21.



"Mulher em oração. 'Aconselha-te com o Senhor em tudo quanto tiveres de fazer...' Alma 37:37.

'A oração coloca-nos em sintonia com o poder e a luz dos céus... O Senhor disse-nos que enviaria, a cada um, conhecimento para guiar nossa vida, basta pedirmos!' (Irmã Bárbara B. Smith, "Roots and Wings", discurso proferido na dedicação do Monumento à Mulher em Nauvoo.) Fotografia de Jed A. Clark. Escultura de Dennis Smith.



WOMAN IN PRAYER

"COUNSEL WITH THE LORD IN ALL
THY DOINGS..."

ALMA 37:37

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION SERVICES DEPT.
LIBRARY

SEP 24 1980